

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N. 181 —

PSICOLOGIA N. 5

MARIA DA PENHA POMPEU DE TOLEDO

ESTUDO PSICANALÍTICO QUANTIFICADO
DE DEZ CONTOS INFANTÍIS TRADICIONAIS



SÃO PAULO — BRASIL
1957

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Gabriel Sylvestre Teixeira de Carvalho

Vice-Reitor: Prof. Dr. João Francisco Humberto Maffei

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor: Prof. Dr. Paulo Sawaya

Vice-Diretor: Prof. Dr. Antonio Soares Amora

Secretário: Lic. Odilon Nogueira de Mattos

CADEIRA DE PSICOLOGIA

Prof. Dra. Annita de Castilho e Marcondes Cabral

Assistente: Dr. Dante Moreira Leite (até março de 1953)

Lic. Walter Hugo de Andrade Cunha

Auxiliar de Ensino: Maria Margarida M. J. de Carvalho

Toda correspondência relativa ao
presente Boletim e às publicações em
permuta deverão ser dirigidas à

All correspondence relating to the
present Bulletin as well as exchange
publications should be addressed to

CADEIRA DE PSICOLOGIA

Faculdade de Filosofia — Caixa Postal 8105 — São Paulo — Brasil

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N. 181 —

PSICOLOGIA N. 5

MARIA DA PENHA POMPEU DE TOLEDO

ESTUDO PSICANALÍTICO QUANTIFICADO
DE DEZ CONTOS INFANTÍIS TRADICIONAIS



SÃO PAULO — BRASIL
1957

**COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1958**

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

PREFACIO

O trabalho que ora apresentamos foi realizado por Maria da Penha Pompeu de Toledo, quando exercia na Cadeira de Psicologia seu cargo de 3.º assistente efetivo desta Faculdade. Dificuldades orçamentarias só agora permitiram publicar na íntegra o relatório da pesquisa que realizou. Entretanto, suas conclusões já foram apresentadas em 1953, a nosso convite, na Sociedade de Psicologia local, havendo elas despertado merecido interesse.

A autora desenvolveu, em trabalho anterior realizado nesta Cadeira, uma técnica própria que aqui aplicou à análise das relações entre as personagens ou, como melhor diz, "elementos" de histórias infantis tradicionais. Tendo conhecimento e prática das técnicas e das minuciosas especificações da biblioteconomia e tendo também seguro conhecimento da literatura psicanalítica, pôde reunir, com inteligência e engenho, esses conhecimentos, numa catalogação e classificação das relações afetivas entre as personagens das histórias que selecionou para análise.

Não fez um trabalho impressionístico e literário, mas uma pesquisa metódica, levando em conta todos os conteúdos encontrados, frase por frase. Em sua análise e na quantificação dos resultados a que procedeu, porém, não perdeu de vista o contexto significativo de cada história, descendo ao detalhe sem desligá-lo do todo — e nisto, a nosso ver, reside um mérito não pequeno de seu trabalho.

Cerca de metade do relatório é dedicado à exposição de seu método. Na incipiência do desenvolvimento da pesquisa psicológica no Brasil cremos que tal proporção se justifica, pois evidencia um esforço louvável: em face dos requisitos de seu problema e de sua curiosidade científica, a autora procurou criar seu próprio instrumento de trabalho, em vez de forçar sobre aqueles alguma técnica pronta, mais ou menos imitativamente adotada.

Os resultados que encontrou com o emprego de seu método conduziram à confirmação de sua hipótese de influência do Édipo clássico. Revelaram também a influência de um complexo — o do abandono —, antes insuspeitado e mais primitivo que o complexo de Édipo, nas histórias infantis, que há mais de um século são atração e encanto de várias gerações, no mundo ocidental.

São Paulo, abril de 1957

Annita de Castilho e Marcondes Cabral

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consta da análise de dez histórias infantis tradicionais. Com fundamento na teoria psicanalítica, estudamos em profundidade dez contos, procurando esclarecer o mecanismo psico-dinâmico responsável pelo fascínio exercido sobre as crianças por essa série de fantasias.

Os conceitos teóricos básicos sobre os quais apoiamos a nossa investigação foram os seguintes:

1.º) A teoria projetiva (11), isto é, o princípio de que todos os comportamentos do ser humano, dos mais significativos aos mais irrelevantes, revelam sempre aspectos da estrutura profunda da sua personalidade.

2.º) O conceito de "fantasia optativa", ou seja, a hipótese de que todo e qualquer produto da ficção é uma fantasia que serve de tela sobre a qual se projetam os desejos, temores, aspirações, conflitos e experiências mais íntimas do indivíduo, através de uma elaboração mais ou menos complexa, que depende da intensidade da atuação dos mecanismos de defesa (4, 7, 8 e 17) e da influência específica da cultura de que o indivíduo participa.

Julgamos útil estudar em profundidade o conteúdo das histórias infantis tradicionais porque essas fantasias vêm agradando às crianças, sob a forma que assumiram desde que foram publicadas como produções literárias, por muitos e muitos anos. Realmente, alguns dos contos estudados foram publicados há mais de dois séculos. Esse fato, acreditamos, é suficiente para autorizar a conclusão de que as histórias tradicionais têm profunda significação na economia afetiva da Criança. Conhecer-lhes o sentido profundo equivalerá, portanto, a aprender alguma coisa sobre a psicologia infantil. E para uma disciplina como a psicanálise que, em razão da natureza especialíssima do objeto que estuda, vê-se grandemente tolhida no setor experimental, as conclusões oferecidas pelo estudo dos contos infantis — elementos representativos da psicologia de uma cultura — são sempre valiosas, uma vez que nos levam a conhecer a infraestrutura simbólica desses veículos coletivos de derivação das tensões intra-psíquicas.

A um exame orientado unicamente pelo critério do bom senso não sofisticado, possivelmente parecerá paradoxal que histórias do tipo dos contos tradicionais possam agradar às crianças, que não se cansam de ouvi-las e exigem sempre repetições "*ad infinitum*", para grande mortificação dos adultos. Realmente, as histórias apresentam, em situações car-

regadas de angústia, personagens amedrontadoras, que se entregam a crimes abomináveis como assassinato, canibalismo, mutilação — e tudo isto temperado com sutil e acabada técnica de “suspense”! Fatos e pessoas, portanto, de cujo conhecimento a criança deveria logicamente fugir, em lugar de aproximar-se avidamente, como faz sempre que lhe surge a oportunidade. A simples lógica aconselharia a criança a esquecer e não a relembrar constantemente incidentes e criaturas que só podem angustiá-la. Sabemos, entretanto, que os postulados da lógica não vigoram no âmbito da psicologia profunda: esta funciona segundo um tipo primitivo de atividade psíquica, regida por processos alóxicos ou pré-lóxicos.

Há razões psicológicas que justificam o prazer que encontram as crianças em ouvir indefinidamente os mesmos contos: estes, como toda espécie de ficção, são fantasias optativas, capazes, portanto, de proporcionar satisfação a desejos e impulsos conscientes ou inconscientes. O que resta a esclarecer é apenas a natureza desses psico-dinamismos aos quais os contos infantis servem de derivativo, bem como o processo pelo qual é desempenhada essa função.

Entretanto, é preciso considerar o seguinte: se o desejo ou o impulso se veem obrigados a procurar satisfação por meio da fantasia é porque não podem encontrá-la na realidade. Tal fato tem que redundar fatalmente em conflito manifesto ou intra-psíquico. Este conflito é que seria projetado nos contos. A primeira tarefa da análise consiste, portanto, em identificar o conflito. Em segundo lugar, cabe à análise verificar se as histórias se limitam a projetar desejos e impulsos — estando a satisfação, nesse caso, apenas na atividade repetitiva — ou se incluem também *uma solução para o conflito*, passando a satisfação a constar de uma compensação fictícia para a frustração sofrida.

Esse problema tem sido investigado por inúmeros estudiosos, os quais, de modo geral, consideram as histórias infantis como projeção do conflito edipeano. Compartilhando embora dessa opinião, não hesitamos em refazer, segundo uma técnica minuciosa, a análise dos contos tradicionais, visando:

a) esclarecer todas as características desse tipo particular de projeção do Édipo;

b) verificar se esse seria o único conflito projetado nas histórias;

c) investigar a existência e natureza das defesas e compensações acaso oferecidas pelas fantasias.

II. O MATERIAL

O primeiro problema com que deparamos foi a escolha dos contos a serem analisados. Dentre as inúmeras histórias que há tanto tempo encantam as crianças, quais seriam as mais significativas, isto é, as mais

capazes de agir como instrumento de estabilização no equilíbrio da economia afetiva infantil?

A solução óbvia seria consultar as preferências de uma amostra representativa de crianças. Esse recurso, entretanto, achava-se fora do nosso alcance por motivos de ordem prática: falta de tempo e de pessoal para proceder a um inquérito fidedigno. A escolha da amostra, a elaboração das normas do inquérito, a execução deste e a verificação dos resultados constituiriam, em si mesmas, uma pesquisa bastante trabalhosa e longa.

Diante dessa dificuldade, decidimo-nos pelos contos mais populares, tais como: Branca de Neve, A Gata Borralheira, A Bela Adormecida, etc. O critério “mais populares” tem aqui o sentido de mais repetidos, mais filmados, publicados ou dramatizados, e ainda mais frequentemente utilizados como motivos na fabricação de brinquedos, na decoração de quartos de crianças e na ornamentação de roupas infantis. É importante notar que, apesar do notável incremento apresentado pela literatura infantil, esses contos continuam mantendo sua posição privilegiada em todos os setores citados. E ha razões de sobra para isso: a forma sob a qual os conhecemos, como produções literárias, é resultado de uma longa elaboração de temas populares e folclóricos. Oriundos, assim, não do psiquismo individual, mas da psicologia do povo, são expressão legítima de necessidades psicológicas comuns. Condensam e cristalizam elementos capazes de encontrar eco no psiquismo de imensa maioria dos participantes da cultura em que se originaram. De fantasias mal estruturadas e inconsistentes que provávelmente foram no início, projeções quase individuais de temas carregados de afeto — desejos, temores, conflitos — evoluíram, através de um dilatado processo de elaboração secundária, até o grau de coerência, estruturação e beleza literária que os caracteriza ao serem coligidos e impressos sob a forma de contos. Paulatinamente, as representações e os conflitos quase individuais — produções de nível psicológico pouco superior ao dos sonhos — foram cedendo lugar aos símbolos e temas universais, ao mesmo tempo que o desenvolvimento e a integração da rama levavam a fantasia a adquirir uma forma externa coerente, regida pelo tipo de pensamento característico de camadas mais elevadas do psiquismo (9, p. 138 segs.).

E sob esta forma evoluida e elaborada, os contos focalizados neste estudo são, em sua maioria, centenários, e alguns mesmo, bi-centenários. Com efeito, Perrault (1628-1703) publicou as “Histoires de la Mère Oye” em 1697; por sua vez, os irmãos Grimm — estudiosos das lendas germânicas, sendo um deles, Guilherme Carlos, considerado como o fundador dos estudos folclóricos — publicaram em 1812 e 1815 os seus “Contos Populares”.

Mesmo não tomando em consideração a origem popular, que faria remontar a longínquas épocas o núcleo inicial dessas fantasias, bastaria

êste dilatado período de popularidade junto às crianças para apontar nos contos a existência de um sentido profundo e justificar a importância que lhes atribuímos na economia afetiva infantil. E, sem dúvida, é justamente essa obscura e longínqua raiz popular que lhes concede essa capacidade especial de funcionar como derivativo de tensões junto a indivíduos colocados em situações tão diversas no tempo e no espaço.

E tais características constituem mais um motivo para que se tratem as histórias infantis da mesma forma pela qual se costumam tratar, em psicanálise, os sonhos, os mitos, as lendas, o folclore, os devaneios e a ficção em geral: como fantasias optativas, possuindo um conteúdo manifesto e um conteúdo latente e constando, em primeiro lugar, da exposição de um desejo ou conflito — com o fim de desgastar, através da simples manipulação associativa de seus elementos, as magnitudes de energia afetiva a eles inerentes — e, em segundo lugar, da apresentação de uma satisfação fictícia, como compensação para o desejo, ou defesa contra o conflito.

Todavia, estabelecido êste critério de antiguidade e popularidade para escolha dos contos a serem analisados, não estava ainda resolvido o problema: inúmeras são as histórias que satisfazem as condições citadas. Tínhamos que selecionar entre elas, para estudo, um certo número, que fixamos arbitrariamente em dez. A escolha definitiva foi regida por dois critérios:

1.º) Os estudos psicanalíticos até agora realizados em relação aos mitos e contos infantis têm sempre indicado o tema edipeano — e, em alguns casos, os traços anais e orais — como núcleo principal das fantasias. E realmente, uma simples leitura das histórias torna evidente a preponderância de personagens e conflitos ligados ao Édipo. Em consequência, fomos levados a supor que nos teríamos de ocupar sempre com problemas relacionados com a economia da libido. Diante disso, julgamos que os contos nos quais os elementos do drama edipeano se mostravam patentes, sem camuflagem, seriam os mais indicados para estudo, pois a ausência de disfarce nos eximiria do trabalho nem sempre seguro de traduzir os símbolos das séries materna e paterna. Por essa razão, escolhemos histórias onde figurassem como protagonistas os progenitores e os filhos.

Contra a nossa expectativa, porém, o “insight” mais profundo que a própria pesquisa nos proporcionou, permitiu identificar, ao lado do tema edipeano — e de alguns traços das constelações orais e anais — um outro tema, cuja natureza discutiremos à pg. 60.

2.º) Desejando evitar uma preponderância de heróis masculinos ou femininos, selecionamos as histórias de maneira a obter um equilíbrio entre o número de heróis de cada sexo.

Foram as seguintes as histórias escolhidas:

1. Branca de Neve (Grimm)
2. João e Maria (Grimm)
3. Os Tres Fios de Cabelo do Diabo (Grimm)
4. A Gata Borralheira (Perrault)
5. O Barba Azul (Perrault)
6. A Bela Adormecida (Perrault)
7. A Bela e a Fera (Mme. Leprince de Beaumont)
8. A Baba do Passarinho (autor não identificado)
9. O Menino da Mata e seu Cão Piloto (idem)
10. O Patetinha (idem)

Consideremos, entretanto, um problema. Em face do que ficou dito atrás a respeito da origem folclórica dos contos infantis tradicionais, será legítimo atribuir a determinados escritores a autoria dessas fantasias? Seria mais verdadeiro talvez indicá-los apenas como compiladores de temas folclóricos. Realmente, êsse seria o caso se focalizássemos unicamente a verdade objetiva. Entretanto, existe também uma verdade subjetiva, regida por leis exclusivamente psicológicas. Segundo êste último tipo de verdade, a fantasia adotada pelo sujeito, em função da possibilidade que oferece de dar alívio às suas tensões particulares, psicologicamente lhe pertence, tanto quanto os produtos da sua própria imaginação, pois tem o mesmo valor e o mesmo sentido. Se um indivíduo recolhe e elabora a fantasia alheia, é porque nela encontrou, tal como o verdadeiro autor, um meio de auto-expressão. No ato da criação, o autor projeta na fantasia as constelações afetivo-dinâmicas da sua personalidade; através da escolha e da elaboração da mesma fantasia, o compilador projeta também os elementos da sua personalidade. O dinamismo psicológico, como vemos, é idêntico nos dois casos.

A atuação do compilador sôbre o material, entretanto, pode ser mais ou menos intensa, indo desde a simples reunião e reprodução, até uma reorganização do material segundo um ou outro critério. No caso em apreço, a atuação dos aqui chamados "autores" foi do segundo tipo: sistematizaram, dando-lhes forma literária, relatos folclóricos, imprimindo-os e tornando-os acessíveis a todos os povos de cultura ocidental. E esta atuação foi tão decisiva para o futuro desses relatos, até então esparsos e em muitos casos adstritos à transmissão oral, que nos parece perfeitamente justificado apontar os compiladores como autores das fantasias aqui analisadas, tais como se tornaram conhecidas em todo o mundo ocidental.

Não nos utilizamos, entretanto, dos trabalhos originais dêsse autores. As narrativas são excessivamente extensas e minuciosas, o que tornaria o estudo desnecessariamente longo e laborioso, sem fazê-lo, por isso, mais útil. Com efeito, em um estudo que pretende investigar o sen-

tido profundo de determinados produtos da ficção, e que não inclui entre as suas finalidades a exploração de “uma” personalidade, seria ocioso ocupar-se de particularidades necessariamente representativas de uma dada personalidade. Esses aspectos, que seriam tão importantes na análise de fantasias para fins de diagnóstico — como no caso dos protocolos do Thematic Apperception Test— onde constituiriam indicações valiosas das constelações típicas da personalidade do sujeito, são muito secundários na análise de um produto oriundo da fantasia popular e destinado a desempenhar sua função estabilizadora junto a qualquer indivíduo. O que nos interessa nas fantasias aqui analisadas é o conteúdo de significação universal, e não as minúcias reveladoras de idiosincrasias pessoais dos autores. Esse núcleo, universalmente significativo, temos certeza de poder encontrar em qualquer das versões consagradas das histórias tradicionais.

Poder-se-ia objetar, neste passo, que as versões não são apenas omissas: apresentam também alterações, quer nos elementos, quer no entrecho da história. A isto podemos responder que a psicanálise oferece elementos suficientes para assegurar que as substituições se farão segundo linhas de associações de valor simbólico idêntico ao do original.

Escolhemos para análise a versão dos contos infantis que figura no livro: “Contos da Carochinha”, de Figueiredo Pimentel (Rio de Janeiro, Livraria Quaresma editora). Utilizamos-nos da 19a. edição, de 1945. A primeira é de 1894. Estes dois dados: o elevado número de anos que conta a versão deste autor e a frequência das reedições, seriam suficientes para garantir às histórias coligidas nesse livro as características de fantasias coletivamente significantes.

III. A TÉCNICA DE ANÁLISE

A. Registro das Reações

A fim de combater a influência deturpadora e escotomizadora dos complexos do investigador, adotamos, como norma básica da técnica empregada, tomar em consideração *todos* os conteúdos da fantasia, por mais irrelevantes ou desconexos que pudessem parecer.

Com o mesmo desideratum, procuramos estabelecer de maneira precisa a natureza e extensão dos itens a serem considerados unidades para tabulagem. Com base nesses critérios, analisamos cada história frase por frase, palavra por palavra, e anotando todos os segmentos de comportamento manifestados pelos diversos elementos (1) da fantasia, isto

(1). — Preferimos usar a expressão “elementos” em lugar de “personagens” porque esta última se refere, é óbvio, a pessoas. Ora, o estudo de caráter psicanalítico não se limita a tomar em consideração as ações dos seres vivos: investiga também a atuação de objetos materiais (casas, pedras, portas), de fenômenos naturais (noite, chuva), institui-

é, registrando um item cada vez que surgia uma *reação: comportamento de um sujeito em face de um objeto*.

Entretanto, não nos limitamos ao registro da reação; anotamos sempre o conjunto: sujeito-objeto-reação. Assim, cada item tabulado consta sempre dessas tres partes. E para isso temos uma razão bem definida: acreditamos que os aspectos mais significativos da projeção, como se verifica nas fantasias, são constituídos pelo conteúdo e dinamismo das relações inter-pessoais e "objetais" (2), bem como das constelações psicodinâmicas: os "patterns" de ajustamento. Ora, se nos limitássemos a registrar as reações, conseguiríamos informações do tipo das oferecidas pelo sistema "need-press" de Murray (11): obteríamos um conhecimento das constelações psicodinâmicas, mas permaneceríamos na ignorância do conteúdo das relações inter-pessoais e objetais. O método de Murray constitue uma notável contribuição ao campo das técnicas projetivas, não só como processo de interpretação da prova por ele elaborada, o T.A.T., mas também como método de análise de qualquer produto da fantasia. Parece-nos, entretanto, que o estudo da ficção ganhará em profundidade se, ao lado dos dinamismos peculiares a uma personalidade ou a uma expressão da psicologia coletiva, como são os contos infantís tradicionais, pudermos esclarecer os agentes e os objetos dêsses dinamismos. O processo de Murray permitirá dizer, por exemplo, que dado segmento de determinada fantasia indica o "need": "agressão". Entretanto, acreditamos que será mais satisfatório poder esclarecer quais os objetos da agressão e quais as formas de que se reveste esse impulso. Verificada a existência do "need": "harmavoidance", gostaríamos de saber por quem teme o sujeito ser agredido e quais as modalidades de agressão que imagina.

Nesse ponto nos aproximamos da técnica adotada por White na análise do livro "Black Boy" (20): White registrou também unidades constantes desses tres elementos, mas somente nos casos em que aparecia no texto uma relação inter-pessoal manifesta.

ções (escola, igreja), etc., porque se rege pela hipótese de que êsses elementos possam estar funcionando como símbolos de pessoas, afetos, conflitos e outros. Embora nas fábulas já se tenha alargado suficientemente o sentido do vocábulo "personagem" para incluir os animais, pareceu-nos forçar excessivamente a acepção do termo empregá-lo para designar também objetos inanimados.

- (2). — Em trabalhos do gênero dêste, que versam sôbre campos pouco explorados no Brasil, e que, por essa razão, não tiveram ainda sua terminologia bem formulada e assimilada pelo vernáculo, é impossível descrever os fenômenos observados sem o auxílio de neologismos. Reconhecendo embora os inconvenientes de um uso descomedido de termos novos, resultado de um aportuguesamento sumário de vocábulos estrangeiros, não podemos fugir a essa prática, porquanto o estudo intensivo de certas disciplinas no estrangeiro criou um enorme acervo de termos quase técnicos indispensáveis à clareza da exposição. Esforçamo-nos, todavia, por lançar mão o mais raramente possível desse recurso.

Lancemos mão de um exemplo para esclarecer o processo de registro das reações. Tomemos a frase: “A madrasta consultou o espelho mágico”. Temos aí:

Sujeito: madrasta
Objeto: espelho mágico
Reação: apelo.

Nos casos em que a frase, tal como a citada, possui apenas um objeto direto, o registro das três partes da reação não oferece problema. Quando, porém, há também um objeto indireto ou um complemento, as coisas se complicam. Vejamos a frase: “A mãe deu a Joãozinho um pedacinho de pão”. Teríamos:

Sujeito: mãe
Objeto: filho
Reação: suprimento.

Entretanto, analisando a frase por essa forma, não esgotamos todas as relações indicadas no texto. Limitamo-nos à ação entre mãe e filho, deixando de lado a relação entre a mãe e o objeto direto da frase: o pedacinho de pão. A mãe reage também a este objeto, dando-o, desfazendo-se dele. Dar o pão também faz parte do comportamento da mãe. Basta imaginar que, se esse comportamento variasse, se a mãe, por exemplo, não desse o pão, a sua atitude para com esse objeto seria outra, de retenção. Não parece lícito abandonar assim um elemento da situação, que foi parte integrante do comportamento. Na realidade, ha nessa frase não um comportamento, mas dois: um para com o filho, talvez mais importante — somente a análise completa o dirá — e outro para com o pão. Negligenciar este segundo comportamento seria fugir à norma básica da técnica adotada: registrar *todos* os conteúdos da fantasia. A solução, neste caso, é registrar as duas reações. Assim, essa frase nos daria, além do item já indicado, mais um:

sujeito: mãe
objeto: pão
reação: oblação.

Adotando este processo de registro, acreditamos conseguir uma caracterização tão completa quanto possível de cada elemento da fantasia, obtendo assim as indicações que tornarão possível esclarecer as suas relações com todos os objetos indicados no texto. E isto equivale a conhecer a totalidade das projeções do autor ou autores incluídas na fantasia analisada. Este fato é importante porque as relações inter-pessoais não são suficientes para indicar os conflitos e dinamismos da personalidade:

igualmente sintomáticas são as relações com outros tipos de objetos que constituem, juntamente com as pessoas, o conjunto a que chamamos *meio* e no qual se verificam os ajustamentos pessoais.

Além disso, ha ainda a considerar o possível valor simbólico dos objetos materiais ou outros.

Reproduzimos no "Apêndice" (p. 68) o texto integral de uma das histórias analisadas: "A Gata Borracheira", acompanhado da cópia da folha em que foram registradas as reações constantes dessa história. Esperamos que o exame dessa folha torne bem claro o fato de que procuramos, por todos os meios, garantir um registro escrupulosamente fiel de *todas* as reações.

Pretendemos também, por meio da inclusão desse exemplo da técnica de registro, desfazer todas as dúvidas relativamente ao material que foi quantificado: os itens que foram tabulados não foram extraídos de uma interpretação da fantasia, mas sim do próprio texto desta (3).

B. Caracterização das Reações

Uma vez anotadas, foram as reações classificadas em tres categorias: *po itivas*, *negativas* e *neutras*. Consideramos como reações *positivas* aquelas que denotam uma relação *harmoniosa* com o objeto, quer êste pertença ao mundo exterior, quer represente um aspecto da propria personalidade do sujeito. As reações positivas, segundo o critério aqui adotado, nunca resultam em conflito, mas sempre em integração, isto é, acomodação isenta de conflito entre sujeito e objeto. Incluem tanto comportamentos de *atração* e *domínio*, como de submissão.

Ao contrário das positivas, as reações *negativas* provocam sempre relação *desarmoniosa* de conflito ou repulsa. Incluem não só a *agressão* e o *domínio coercitivo*, como também a *fuga*, ou recuo defensivo do sujeito diante do objeto. Tanto podem resultar em conflito como em "restrição do ego", expressão adotada por Anna Freud para denotar a fuga do ego para dentro da propria personalidade, como mecanismo de proteção contra os estímulos que não se sente com forças para enfrentar (4).

Existe ainda um reduzido grupo de reações *neutras*, isto é, que denotam um comportamento praticamente isento de conotação afetiva (*praticamente* apenas, pois, segundo a rigorosa verdade psicológica, não existe comportamento totalmente isento de vibração afetiva). A frequência

(3). — As interpretações dos protocolos do T.A.T., feitas por meio do sistema "need-press" de Murray, que tivemos oportunidades de examinar, parecem-nos ambíguas justamente desse ponto de vista; os exemplos citados, que se propõem elucidar o processo interpretativo, apresentam o texto da fantasia provocada por uma figura e a seguir a frequência de cada "need" ou "press" observado. Mas não fornecem ao leitor um meio de verificar o cômputo, uma vez que não indicam a natureza e a extensão dos "units" que serviram de base à tabulagem da frequência.

dessas reações, porém, é tão exígua no material estudado, que não merece ser tomada em consideração.

Vamos ilustrar com um exemplo de cada categoria de reações:

a) Reação positiva: “A mãe beijou o filho.”

Sujeito: mãe
Objeto: filho
Reação: amor

b) Reação negativa: “Os irmãos mais velhos espancaram o caçula”.

Sujeito: irmãos mais velhos
Objeto: irmão caçula
Reação: agressão física

c) Reação neutra: “O cocheiro parou a carruagem.”

Sujeito: cocheiro
Objeto: carruagem
Reação: bloqueio

Esta classificação das reações em categorias, entretanto, nem sempre é isenta de dificuldades. As frases que implicam em reação a dois objetos, reação essa positiva em relação a um deles e negativa em relação ao outro, constituem uma dessas dificuldades, pois se a reação não for caracterizada com muita cautela, facilmente será falseada; o investigador poderá atribuir-lhe sinal exatamente contrário ao que lhe cabe dentro da tessitura de ajustamentos que constitui o trecho da história.

Na frase: “A rainha ficou inconsolável ao saber que a princesa iria dormir por cem anos”, em relação ao sujeito não há problema: é “mãe”. Quanto aos objetos são: a) filha, e b) o sono de cem anos a que esta fora condenada. A reação é “tristeza”, evidentemente negativa. Teríamos então:

1.º) sujeito: mãe rainha
objeto: filha princesa
reação: tristeza

2.º) sujeito: mãe rainha
objeto: sono de cem anos
(da filha princesa)
reação: tristeza

O 2.º item não oferece dúvida. Já o 1.º apresenta uma dificuldade: corresponderá ao sentido da sentença dizer que a mãe tem uma reação negativa para com a filha? Claro que não: a tristeza da mãe em relação à situação desagradável da filha indica uma reação positiva para com esta. Como então formular o item de maneira a não

falsear o sentido, atribuindo à mãe uma atitude que não manifesta absolutamente? A solução é atribuir à reação a característica que lhe cabe de acôrdo com a lógica afetiva: a tristeza será uma reação negativa para com o sono de cem anos ao qual a filha foi condenada, mas será positiva em relação à própria filha, cuja situação a mãe lamenta. Assim teremos, no 1.º caso, a reação “tristeza” com sinal positivo, e no 2.º a mesma reação, com sinal negativo.

Esta solução nos parece correta porque a reação, embora idêntica nos dois casos quanto à qualidade de afeto que revela, indica relações diferentes para com os dois objetos: repulsa para com o sono de cem anos, solicitude para com a filha. Não é a filha quem provoca diretamente a tristeza; não obstante, essa emoção se polariza na filha, nasce do fato de que a mãe tem pena da filha; é portanto uma reação favorável, de solidariedade e harmonia.

Idêntica solução caberia neste caso: “A madrasta sentia-se orgulhosa por ter envenenado Branca de Neve”. As reações contidas nesta frase seriam registradas da seguinte forma:

- 1.º) sujeito: madrasta
objeto: eliminação (de Branca de Neve)
reação: orgulho (+)
- 2.º) sujeito: madrasta
objeto: Branca de Neve: eliminação de —
reação: orgulho (—)

Neste caso, a reação “orgulho” é favorável ao ato de eliminar Branca de Neve, mas desfavorável a esta.

Além desses problemas, é preciso levar em conta o fato de que a possibilidade de uma reação gerar relações harmoniosas ou desarmoniosas depende, de maneira considerável, dos padrões peculiares ao meio em que se verifica. Uma reação que pode degenerar em relação de desarmonia em um dado meio, em outro pode produzir bom ajustamento. A eliminação de um progenitor velho e doente, que na cultura branca ocidental cristã é sumariamente considerada crime comum, ou, em circunstâncias especiais, suscita apaixonadas controvérsias sobre o tema da eutanásia, é, entre os esquimós, ou melhor, era, antes da infiltração da civilização cristã nas terras árticas, a solução socialmente aprovada para o problema da velhice incapaz de prover às próprias necessidades. No mesmo caso está o arrependimento, que, na moderna cultura branca ocidental cristã é uma reação positivamente valorizada, mas que causaria espanto a um Dobu (3).

Por essa razão, é necessário sempre tomar em consideração o código de valorização social do meio em que se verifica a reação, antes de classificá-la como positiva ou negativa (1, 2, 3, 9, 12 e 16).

Dificuldade ainda mais séria apresentam determinadas reações as quais, do ponto de vista estritamente individual, apresentariam uma determinada conotação, passando, entretanto, a ter conotação contrária se consideradas não como um segmento de comportamento tomado isoladamente, mas como reação integrada em um “pattern” de ajustamento. Problema desse gênero oferece uma situação comum a várias das histórias analisadas: a ação de utilizar o interior da floresta — geralmente no seu ponto mais espesso e obscuro — para realizar atos criminosos: matar, abandonar, etc.

Examinemos o seguinte período: “Pela manhã, os pais estavam firmemente resolvidos a executar o que haviam ideado (abandonar os filhos na floresta). A mãe deu-lhes um pedaço de pão, depois fechou a porta da cabana e pôs-se a caminho”.

Esta última frase: “. . . e (a mãe) pôs-se a caminho” (da floresta), apresenta justamente o problema que estamos discutindo. Temos aí:

Sujeito: mãe
Objeto: floresta
Reação: busca

Qual será, porém, o sinal desta reação? Se tomarmos a frase isoladamente, separada do contexto a que pertence, não haverá dúvida de que, tendo a mãe procurado a floresta, a sua reação para com esse objeto é positiva. Mas tomando a história como um todo com sentido completo, e considerando ao mesmo tempo a mãe como uma *personalidade* — conjunto organizado de impulsos, afetos e padrões dinâmicos de ajustamento — que se move dentro desse contexto, veremos que lhe estamos concedendo um crédito de positividade que não merece. Realmente, atribuir-lhe neste caso uma reação positiva, será conceder-lhe um elemento que irá influir na sua caracterização final, trazendo mais peso para o aspecto positivo, quando, depois de tabulada a totalidade das suas reações, for estabelecida uma comparação entre o número de reações positivas e negativas, a fim de classificar essa personagem como bom ou mau objeto. Isto parece não estar de acôrdo com a verdade gestáltica do texto: sabemos pela leitura da história que a busca da floresta, indicada na frase citada, deriva de um tipo de ajustamento negativo: rejeição dos filhos. Como permitir que um fator desse ajustamento venha a pesar na balança concedendo positividade — isto é, caráter de bom objeto — a essa personagem?

Esse é o problema da verdade discutido por Wertheimer (20, 21). A parte não pode ser considerada verdadeira ou falsa em si mesma: a sua verdade ou falsidade depende da função que desempenha no todo. Se o todo fosse mera *soma* de partes, então o exame de cada

parte separadamente seria válido quanto à sua verdade ou falsidade. O todo, entretanto, é mais do que isso: é um sistema de partes funcionalmente relacionadas.

O problema prático que enfrentamos, ao tentar classificar determinadas reações como positivas ou negativas, é um luminoso exemplo desse fenômeno. Como vimos, classificar as reações sem relacioná-las com o todo de que fazem parte, isto é, o trecho da história, atenderia a uma verdade fragmentária, que viria falsear inteiramente a caracterização do sujeito. A classificação correta da reação tem que encará-la como parte, interrelacionada com todos os outros comportamentos que formam a trama da história. Sòmente o sentido do todo lança luz sòbre o sentido de cada parte.

Os problemas com que deparamos ao proceder à classificação das reações apontam para uma conclusão inevitável: não é possível estabelecer a priori a positividade, negatividade ou neutralidade de uma reação. Sòmente sua posição e sua função específica, no mosaico que constitui o "pattern" de ajustamento de um dado elemento da fantasia, virá determinar se um comportamento ou afeto cabe nesta ou naquela categoria.

A solução que adotamos foi a seguinte: especificar a reação juntando-lhes, quando classificada em categoria contrária àquela que sua própria denominação indica, uma palavra designativa do tipo de ajustamento positivo ou negativo de que é parte. No exemplo citado acima, em lugar de anotar simplesmente "busca", registramos "busca criminosa", com sinal negativo.

Essa situação se repete em certos casos de utilização de objetos para fins negativos, como por exemplo o uso que faz da maçã envenenada a madrasta de Branca de Neve. Tomada em si mesma, a relação entre madrasta e maçã envenenada é positiva: utilizar-se alguém de um objeto é comportar-se positivamente em relação a ele. Entretanto, essa utilização é feita com vistas a um ajustamento de caráter negativo à situação geral. Não é "justo" portanto, fornecer dados para caracterização positiva, como bom objeto, a um sujeito empenhado em um "pattern" de comportamento que denota desajustamento. Empregamos neste caso, e em outros semelhantes, o recurso indicado acima: especificamos êsse tipo de utilização como "utilização criminosa", com sinal negativo.

C. *Nomenclatura dos sujeitos e objetos*

A nomenclatura dos sujeitos e objetos constitui um dos problemas mais árduos deste gênero de análise, porque de sua precisão depende em grande parte a possibilidade de esclarecer as facetas mais sutis e profundas das figuras projetadas pelos autores. Os sujeitos e objetos devem ser transcritos por uma forma que, embora indicando todas as suas par-

ticularidades, seja bastante sucinta para não tornar por demais complicado o trabalho mecânico de registro e permita ainda tornar patentes não só as modificações de ordem física ou psíquica, pelas quais vão passando os elementos à medida que se desenrola a trama das fantasias, como também, as vicissitudes que êstes atravessam.

Além destas exigências, a nomenclatura dos sujeitos e objetos tem que satisfazer também outras, relativas aos processos mecânicos de manipulação do material. O cômputo dos resultados numéricos exige a reunião em grupos dos elementos afins. Cabe à nomenclatura indicar essa afinidade. Daí o alto padrão de precisão e uniformidade exigido por êsse trabalho.

As reações de um determinado sujeito-tipo — embora esse sujeito apresente aspectos variáveis nas diversas histórias em que ocorre — terão que ser agrupadas de forma tal que todas as variantes do tipo posuam a mesma palavra chave. Ha no texto, por exemplo, mães plebeias e mães rainhas, mães boas e mães perseguidoras. Essas diferenças são extremamente importantes e não podem ser negligenciadas. Por essa razão, quando encontramos uma rainha que é mãe carinhosa da heroína, designamo-la da seguinte maneira: “mãe rainha bom objeto”. E isto porque o exame da série de fantasias mostrou que o caráter de “mãe” é muito mais significante que o de “rainha”: a fantasia se ocupa de mães que podem ser ou não rainhas, mas não de rainhas que sejam ou não mães. Se iniciássemos a locução designativa dessa personagem pela palavra rainha, ao proceder à ordenação do material iríamos colocá-la em uma categoria que não tem nenhum sentido dentro do contexto das histórias, separando-a dos outros elementos que lhe são realmente afins: os outros tipos de mãe. A fim de reunir em grupos os elementos de idêntica denominação e, portanto, de idêntico significado, é indispensável que as palavras chaves figurem em primeiro lugar.

Assim, a nomenclatura dos sujeitos e objetos foi por nós elaborada de maneira a permitir um agrupamento de todas as reações de um sujeito ou objeto-tipo, através de todas as histórias analisadas, sob a mesma rubrica. Por essa razão, os heróis de ambos os sexos — que são sempre, pelo menos no início de cada história, meninos ou meninas — foram designados pela denominação de: “filho” e “filha”. E isto porque a característica primordial dêsses heróis é a circunstância de encarnarem uma criança que procura ajustar-se à constelação familiar. Aliás, em última análise, as histórias não são mais que a exposição dêsse esforço adaptativo, nos seus aspectos típicos.

A designação dos sujeitos e objetos foi feita, regra geral, por meio de um substantivo, ou, mais comumente, de uma locução constando de um substantivo seguido por um ou mais adjetivos e, em certos casos, um advérbio, secundados pelo uso de parênteses e determinados sinais. Essa complexidade se torna necessária porque procuramos, pela simples no-

menclatura, indicar o caráter do herói, as características mais importantes da sua situação e ainda certas influências do ambiente, como por exemplo, o conceito em que é tido na família (o que Murray chamaria “press”).

Vamos ilustrar esta explanação examinando alguns tipos do sujeito “filho”. Na história “João e Maria”, o filho é apresentado apenas com a característica de ser muito pobre. Será então designado simplesmente como “filho pobre”. Já em “O menino da Mata e seu Cão Piloto”, o filho, além de pobre, é caçula e orfão de mãe. Procuramos indicar esta situação nomeando-o: “filho caçula pobre (mãe -)” (4). Em “O Patetinha”, o filho caçula é tido como pouco inteligente; na sua nomenclatura essas duas características são indicadas da seguinte forma: “filho caçula inferiorizado intelectualmente”. Um outro tipo de filho é o herói de “Os Tres Fios de Cabelo do Diabo”, que se apresenta como pobre e possuidor de dentes desde o nascimento. Eis aqui como o designamos: “filho pobre (dentes +)”.

Observemos agora como são acompanhadas pela nomenclatura as vicissitudes pelas quais passa o herói à medida que se desenvolve o trecho da fantasia. Na história cuja análise transcrevemos no Apêndice (A Gata Borracheira), a heroína é caracterizada, de acôrdo com as primeiras frases do autor, pela seguinte designação:

filha bonita [mãe morta]

Logo depois nos informa o autor de que a madrasta e as filhas desta alimentam sentimentos negativos para com a heroína. Esta situação é indicada pela posição, à designação inicial, de locuções indicativas das relações interpessoais entre a madrasta, as filhas desta e a enteada. A heroína passa então a ser:

filha bonita [mãe morta] [madrasta desfavoravel] [irmãs feias más desfavoraveis]

A aparição do passarinho encantado vem alterar novamente o “pattern” afetivo que circunda a heroína. Mais uma adição à nomenclatura da heroína vem registrar êsse novo elemento:

filha bonita [mãe morta] [madrasta desfavoravel] [irmãs feias más desfavoraveis] [passarinho encantado favoravel]

Finalmente, a interferência do príncipe vem trazer modificação definitiva no “status” social da heroína e assim esta, no final da história, é designada por:

filha bonita [mãe morta] [madrasta desfavoravel] [irmãs feias más desfavoraveis] [passarinho encantado favoravel] qpa (5) princesa

(4). — Ver lista de sinais, que figura à pg. 67.

(5). — Ver lista de abreviações, à pg. 67.

A série de locuções designativas, que começa por caracterizar a heroína, vem depois, na sua complexidade crescente, acompanhando-lhe o destino, de tal forma que se pode, lendo apenas as designações que se sucedem, ter uma idéia do entrecho da fantasia, do colorido afetivo das situações sucessivas e ainda das relações interpessoais e respectivas influências no “pattern” de ajustamento projetado. Examinemos a lista de locuções sucessivas que designam a heroína na história que estamos focalizando. Para economia de espaço algumas palavras foram substituídas pelas abreviações e pelos sinais convencionais que adotamos e cujas listas figuram na pg. 67.

1. filha bnt. [mãe -]
2. filha bnt. [mãe -] [madr. X] [irmãs feias más X]
3. filha bnt. [mãe -] [madr. X] [irmãs feias más X] [passarinho enct. ↔]
4. filha bnt. [mãe -] [madr. X] [irmãs feias más X] [passarinho enct. ↔] qpa princesa.

Comparando as listas de locuções designativas referentes aos heróis de uma série de fantasias, muito se pode apreender quanto aos estereótipos do autor. Nas dez histórias em estudo, observamos que os elementos que figuram na lista de locuções designativas que acabamos de transcrever, constituem — na sua natureza, na ordem em que aparecem e na influência que exercem sobre o destino do herói — um esquema padrão ao qual se submetem todas as histórias estudadas aqui. Esse esquema acha-se exposto na pg. 57: “Vicissitudes pelas quais passam os heróis”.

D. *Os processos Mecânicos de Registro das Reações*

Como indicamos acima, a unidade que consideramos um item para tabulagem foi a *reação*: comportamento de um sujeito em face de um objeto. Analisando o texto frase por frase, anotamos os itens a serem tabulados em folhas de registro, na ordem em que se apresentam. As folhas de registro são divididas em cinco colunas, que correspondem a número, sujeito, objeto, tipo e categoria da reação (6). Por esse sistema anotamos 3.065 reações, número esse que corresponde à totalidade de comportamentos manifestados na série de fantasias analisadas.

Ao proceder à análise, o número de cada item é anotado no texto, no início da frase de onde foi extraído. Isto permite voltar ao material original sempre que se queira fazer uma correção ou revisão do trabalho.

Uma vez registradas todas as reações constantes das histórias, na ordem em que se apresentam no texto, faz-se necessário agrupá-las conforme o ponto de vista sob o qual se pretenda estudá-las. Isto tanto po-

(6). — Ver Apêndice.

de ser feito a partir dos sujeitos como dos objetos ou das próprias reações. Para tornar possível essa manipulação, os itens são transferidos para fichas, onde aparecem na seguinte ordem: sujeito, objeto, reações (acompanhadas da frequência e do sinal respectivos).

Reproduzimos a seguir, como exemplo, as fichas relativas às reações da “madrasta” para com a “filha”, tal como aparecem na história cujo texto e respectiva folha de registro de reações transcrevemos no Apêndice.

S.:	madrasta má		
O.:	filha bnt [mãe -]		
R.:	sadismo	/	-

S.:	madrasta má		
O.:	filha bnt [mãe -] [madr. má X] [irmãs feias más X]		
R.:	inferiorização	/	-
	domínio coercitivo	//	-

S.:	madrasta má		
O.:	filha bnt [mãe -] [madr. má] [irmãs feias más X] [passarinho enct. ←]		
R.:	frustração	/	-
	punição	/	-
	menosprezo	/	-
	provação	//	-
	gratificação: pcm. de — sm.	/	-
	traição	//	-
	cólera	/	-
	inf. material	//	-
	inibição	/	-

A extrema mobilidade das fichas permite dispôr o material de acôrdo com vários critérios, conforme o aspecto que se pretenda focalizar. Assim, pode ser êle organizado conforme à ordem alfabética dos sujeitos, dos objetos ou das reações; ou ainda, segundo a ordem de frequência crescente ou decrescente de qualquer um desses tres fatores.

Essas diferentes disposições vão servir de base à elaboração de tabelas de vários tipos, organizadas a partir dos sujeitos, dos objetos ou das reações.

Vejamos quais são as tabelas organizadas a partir dos sujeitos:

I — *Tabela completa da frequência das reações dos sujeitos* (7)

É uma copia, em forma tabular, dos itens que figuram nas fichas quando arrumadas segundo a *ordem alfabética dos sujeitos*. Esta tabela nos fornece uma lista completa dos sujeitos em ordem alfabética, indicando ao mesmo tempo, em relação a cada um deles, os objetos aos quais reagiu, as reações respectivas, o total de reações que apresentou, o número de reações positivas, negativas e neutras e a porcentagem que cada uma destas categorias representa do total de reações. Nesta tabela figuram *todos* os dados de que dispõe a pesquisa: nela estão registrados todos os sujeitos, todos os objetos e todas as reações, com as frequências respectivas. Por essa razão, é uma tabela de difícil manejo, onde o material não se apresenta estruturado. Serve apenas como repositório de dados e como base para todas as outras tabelas.

II — *Tabela resumida da frequência das reações dos sujeitos*

Nesta tabela (n.º 1, v. pgs. 25 a 29) resumo da anterior, encontramos apenas os sujeitos (tipos e sub-tipos) e o n.º de reações que apresentaram (total, n.º absoluto e porcentagem de reações positivas, negativas e neutras). Desta tabela foram excluidos os objetos. Tal como na tabela anterior, o material aqui não se apresenta estruturado.

III — *Tabela sumário da frequência das reações dos sujeitos, classificadas conforme à ordem decrescente de frequência*

A tabela (n.º 2, v. pgs. 30 e 31) é um resumo da anterior, pois nela figuram somente os sujeitos-tipos, com exclusão dos sub-tipos. O que varia, entretanto, é a ordem de apresentação, que já não é alfabética, como na anterior, mas sim numérica: obedece à ordem decrescente de frequência.

(7). — A extensão da primeira tabela torna impossível reproduzi-la aqui. Por essa razão limitamo-nos a descrevê-la.

Tabela n.º 1 (continuação)

N.º	S U B J E I T O S	F r e q u e n c i a										
		T i p o s			S u b - t i p o s							
		r. + r. -	total	% + % -	r. + r. -	total	% + % -					
44	Filho	289	121	411	70	29	2	0	1	11	90	10
	1. Filho caçula (irmãos mv. X)						10	1	10	72	27	22
	2. Filho caçula (irmãos mv. X) (velho ←)**						58	21	80	31	77	22
	3. Filho caçula inf.intelectualmente (← animais)						24	7	31	16	43	56
	5. Filho pobre (dentes →) (rei X)						7	9	16	43	56	
	6. Filho pobre (dentes →) (rei X) qpa príncipe						33	7	40	82	17	
	7. Filho pobre (mãe X)						58	28	86	67	32	
	8. Filho pobre (mãe X) qpa rico						8	1	9	6		
	9. Filho pobre caçula (mãe -)						0	0	0	6		
	10. Filho pb.ci. (mãe →) (pai -) (irmãos mv. X)						20	38	58	52	47	
	11. Filho pb.ci. (mãe -) (pai -) (irmãos mv. X) (avó ←)						22	0	22	100	0	
	12. Filho pb.ci. (mãe -) (pai -) (irmãos mv. X) (avó ←) qpa rico						37	4	41	90	9	
	13. Filho qpa pai pb. bo. doentes						4	5	9			
45	Filhos [do filho sub-tipo nº 12]	1	0	1								
46	Floresta	1	0	1								
47	Pena	0	2	2								
48	Ponte enct. que jorrava leite e secou	0	1	1								
49	Foraigas	2	0	2								
50	Fuso	0	1	1								
51	Galho encantado favorável	2	0	2								
52	Galhos encantados favoráveis	1	0	1								
53	Grupo social	8	6	14	57	42						
54	Irrua	13	5	18	72	27						
	1. Irmã						9	5	14	64	35	
	2. Irmã feia má						4	0	4			
55	Irmã qpa mais velho	20	18	38	52	47						
	1. Irmã mv. (X animais)						6	2	8			
	2. Irmã mv. (X filho caçula)						4	1	5			
	3. Irmã mv. pobre ladrão (X filho pb.ci.)						2	13	15	13	86	
	4. Irmã mv. pb. ladrão (X filho pb. ci.) doente						8	2	10	80	20	
56	Irmãos	55	79	134	41	58						
	1. Irmãos						6	6	12	50	50	
	2. Irmãos mv.						5	7	12	41	58	
	3. Irmãos mv. (X animais)						11	11	22	50	50	
	4. Irmãos mv. (X filho caçula)						6	11	17	35	64	
	5. Irmãos mv. pobres ladrões						6	6	13	53	46	
	6. Irmãos mv. pobres ladrões (X filho pb.ci.)						7	23	26	11	88	
	7. Irmãos mv.pb.ladrões (X filho pb.ci.) doentes						17	15	32	53	46	

57	Irmãs	19	30	49	38	61	10	13	23	43	56
	1. Irmãs feias más	4	0	4			9	17	26	34	65
	2. Irmãs mv. bnts. más (X filha bnt. cl. boa)	0	1	1							
58	Luar	56	114	170	32	67	4	20	24	16	83
59	Maça envenenada						52	94	146	35	64
60	Madrasta	42	49	91	46	53	26	38	64	40	60
	1. Madrasta má						1	1	2		
	2. Madrasta rainha bnt. má						7	9	16	43	56
61	Mãe	27	40	67	40	59	8	1	9		
	1. Mãe pobre mau objeto	0	1	1							
	2. Mãe pobre viuva	0	6	6							
	3. Mãe rainha	1	0	1							
	4. Mãe rainha bom objeto	1	0	1							
62	Marido nobre rico feio assassino	5	0	5							
63	Pedo	9	1	10	90	10					
64	Miséria	0	1	1							
65	Moças	0	6	6							
66	Moimho	1	0	1							
67	Moleira	1	0	1							
68	Moleiro	2	1	3							
69	Ourro: licor de — curativo	0	1	1							
70	Pacientes não especificados	129	79	208	62	37	2	5	7	65	34
71	Pai						34	18	52	65	34
	1. Pai						11	6	17	64	35
	2. Pai pobre bom objeto						12	15	27	44	55
	3. Pai pobre bom objeto doente						1	0	1		
	4. Pai rei						4	1	5		
	5. Pai viuvo						65	34	99	65	34
	6. Pai viuvo qva. casar-se										
	7. Pai viuvo rico (— filha bnt. cl. boa)										
72	Palácio encantado	44	12	56	78	21	12	7	19	63	36
73	Passarinho	12	2	14	85	14	12	5	37	86	13
	1. Passarinho encantado						2	2	4		
	2. Passarinho encantado branco						10	0	10	100	0
74	Passarinhos										
	1. Passarinhos										
	2. Passarinhos encantados										
75	Patos	4	0	4							
76	Pedras e espinhos	0	1	1							
77	Pedras encantadas	0	4	4							
78	Porta	1	3	4							
	1. Porta da casa dos progenitores pobres						0	2	2		
	2. Porta fechada com 3 fechaduras						1	1	2		

(continua na pg. seguinte)

N.º 2 — Tabela Sumário da Frequência das Reações dos Sujeitos, Classificados Conforme à Ordem Decrescente de Frequência

N.º de ordem	S U J E I T O S	F r e q u e n c i a				
		r. +	r. -	total	% +	% -
1º	Filha	286	130	416	68	31
2º	Filho (2)	269	121	411	70	29
3º	Autor	242	136	378	64	35
4º	Pai	129	79	208	62	37
5º	Irmão e irmãos	75	97	172	44	55
6º	Madrasta	56	114	170	32	67
7º	Velho	138	19	157	87	12
8º	Rei	58	47	105	55	44
9º	Mãe	42	49	91	46	53
10º	Fada e fadas	57	22	79	72	27
11º	Passarinho e passarinhos	56	14	70	80	19
12º	Irmã e irmãs	32	35	67	47	52
	Marido nobre rico feio assassino	27	40	67	40	59
13º	Agente não especificado	45	21	66	68	31
	Anão e anões	49	17	66	74	25
14º	Pera	53	10	63	84	15
15º	Príncipe	54	4	58	93	6
16º	Feticeira	8	36	44	18	81
17º	Velha	21	10	31	67	32
18º	Avó viúva	29	1	30	96	3
19º	Espelho encantado	15	14	29	51	48
20º	Diabo	16	8	24	66	33
21º	Criado	5	15	20	25	75
22º	Destino	9	8	17	52	47
	Serpente alada	3	14	17	17	82
23º	Grupo social	8	6	14	57	42
24º	Cão	10	3	13	76	23
25º	Amigas	9	2	11	81	18
26º	Moleiro	9	1	10	90	10
	Bandido e bandidos	6	4	10	60	40
	Cavalo e cavalos	8	2	10	80	20
27º	Barqueiro encantado	3	5	8	(3)	
28º	Voz encantada	7	0	7		
29º	Árvore e árvores	0	6	6		
	Miséria	0	6	6		
	Princesa e princesas	6	0	6		
	Rainha (4)	3	3	6		
	Sentinela	6	0	6		
30º	Baba curativa perfumada	5	0	5		
	Cisne branco	5	0	5		
	Moleira	5	0	5		
	Pedras	0	5	5		

(1) No cálculo das porcentagens foram desprezadas as frações.

(2) O sujeito "Filho" apresenta uma reação neutra.

(3) Não foram computadas as porcentagens relativas aos itens que apresentaram um total de reações inferior a 10.

(4) Quando não é mãe ou madrastra do herói.

(continua na pg. seguinte)

Tabela n.º 2 (continuação)

Nº de ordem	S U J E I T O S	F r e q u e n c i a				
		r.+	r.-	total	% +	% -
31º	Deus	4	0	4		
	Luar	4	0	4		
	Patos	4	0	4		
	Porta	1	3	4		
	Sal encantado desfavoravel	1	3	4		
32º	Barca encantada desfavoravel	0	3	3		
	Doença	0	3	3		
	Galho e galhos encantados favoraveis	3	0	3		
	Ouro: licor de — curativo	2	1	3		
	Progenitores pobres	2	1	3		
33º	Alfinetes encantados desfavoraveis	1	1	2		
	Animais ferozes	2	0	2		
	Choque	1	1	2		
	Cinzas encantadas desfavoraveis	1	1	2		
	Eliminação	2	0	2		
	Esposa	2	0	2		
	Fome	0	2	2		
	Formigas	2	0	2		
	Palácio encantado da fera encantada	2	0	2		
	34º	Aventureiros	1	0	1	
Camondongo		0	1	1		
Carruagem de ouro e brilhantes		0	1	1		
Castelo encantado		0	1	1		
"Comadres"		1	0	1		
Entrega dos remos a um passageiro		1	0	1		
Escuridão		0	1	1		
Estrada encantada desfavoravel		0	1	1		
Filhas		1	0	1		
Filhos		1	0	1		
Floresta		1	0	1		
Ponte encantada		0	1	1		
Fuso		0	1	1		
Maçã envenenada		0	1	1		
Mede		0	1	1		
Noças		1	0	1		
Moinho		1	0	1		
Pacientes não especificados		0	1	1		
Prisão		0	1	1		
Rio		0	1	1		
Rosa encantada		1	0	1		
Roseira		1	0	1		
Sapo	0	1	1			
T o t a l (1)		1928	1136	3065	.62	37

(1) Inclusive a reação neutra do sujeito "Filho".

Esta tabela, por ser ordenada, já não é, como as precedentes, um simples repositório de dados: apresentando o material estruturado, permite identificar tendências, discernir um sentido e obter um certo grau de “insight” em relação ao material. Esse fato torna possível tirar as primeiras conclusões, como, por exemplo:

a) Quais são os sujeitos mais frequentes, isto é, quais os sujeitos mais frequentemente catetizados pelos autores das fantasias. Esses sujeitos serão, naturalmente, os elementos preponderantes nos conflitos e compensações que a ficção procura objetivar. Ou antes, representam uma das partes dessa série de elementos: a outra será representada pelos objetos aos quais reagiram esses sujeitos. A obtenção dos dados relativos a este segundo aspecto exige a elaboração de tabelas semelhantes às que estamos descrevendo, mas tendo como ponto de partida os objetos e não mais os sujeitos. Uma vez organizadas as duas séries de tabelas, dispostos de dados numéricos relativos à totalidade dos elementos catetizados pelos autores da ficção. Vem a propósito lembrar o que significará, para as possibilidades de exploração da personalidade, possuir uma série de dados como esta em relação às histórias produzidas como respostas ao T.A.T

b) A classificação pela ordem de frequência permite verificar não só a predominância de certos sujeitos, mas também a hierarquia a que se subordinam na série completa.

Estas tres tabelas incluem a totalidade dos dados e oferecem visões de conjunto. Nas que se seguem, são focalizados os sujeitos separadamente, possibilitando o estudo individual de cada um.

IV — *Tabela de frequência dos objetos aos quais reagiu o sujeito “filha” (1.º em ordem de frequência)*

Nesta tabela, elaborada pela forma indicada acima, figuram, em ordem alfabética, todos os objetos aos quais reagiu o sujeito “filha”, acompanhados das reações e frequências respectivas. Tal como as tabelas I e II, é antes um registro de informações, sem nenhum caráter interpretativo (8). Indica apenas, na “linguagem dos dados”, quais foram os objetos catetizados pelo sujeito “filha”, ou seja, “na linguagem das construções”, quais os objetos que, segundo o psico-dinamismo dos autores, provocam reações por parte desta personagem.

V — *Tabela de frequência dos objetos aos quais reagiu o sujeito “filha”, classificada conforme à ordem decrescente de frequência (n.º 3 - v. pgs. seguintes).*

A classificação por ordem de frequência, pondo em relêvo a hierarquia dos objetos catetizados pelo sujeito, permite deduzir relações relativas

(8). — Por essa razão deixamos de reproduzi-la aqui.

Nº 3 — Tabela de frequência dos objetos aos quais reagiu o sujeito "Filha", classificada conforme à ordem de - crescente de frequência.

Nº de ordem	OBJETOS	F r e q u ê n c i a					
		r.+	r.-	total	% +	% -	
1º	Fera encantada	41	8	49	83	16	(1)
2º	Marido nobre rico feio assassino	16	17	33	48	51	
3º	Pai	18	5	23	78	21	
4º	Casa	17	2	19	89	10	
5º	Eliminação	2	14	16	12	87	
6º	Irmãs	10	4	14	71	28	
7º	Anões	8	5	13	61	38	
	Feiticeira velha	2	11	13	15	84	
8º	Anel encantado	12	0	12	100	0	
	Sono	10	2	12	83	16	
9º	Irmãos	11	0	11	100	0	(2)
10º	Mãe	4	6	10	40	60	
11º	Príncipe	7	2	9			
12º	Abandono: situação de —	0	8	8			
	Baile	6	2	8			
	Passarinho	8	0	8			
13º	Palácio encantado	7	0	7			
14º	Madrasta	3	3	6			
	Sangue	0	6	6			
	Sapato de ouro	4	2	6			
15º	Desobediência própria	2	2	4			
	Deus	4	0	4			
	Fuso	2	2	4			
	Meias finas	4	0	4			
	Presentes	0	4	4			
	Príncipe	4	0	4			
	Quarto proibido	3	1	4			
	Vestido rico	3	1	4			
16º	Alimentos	3	0	3			
	Amigas	1	2	3			
	Cinzas do fogão	3	0	3			
	Floresta	3	0	3			
	Fome	1	2	3			
	Fórmula mágica	3	0	3			
	Frustração	0	3	3			
	Maçã envenenada	2	1	3			
	Roseira	3	0	3			
	Vida	3	0	3			
17º	Cadáveres	0	2	2			
	Cama	2	0	2			
	Camponesa	1	1	2			
	Canibalismo	0	2	2			
	Castelo	2	0	2			
	Chave do quarto proibido	0	2	2			
	Cisne branco	2	0	2			
	Doces	2	0	2			
	Frutas	1	1	2			
	Galho e galhos	2	0	2			
	Mercadora	1	1	2			
	Mesa	2	0	2			

1. No cálculo das porcentagens foram desprezadas as frações.
2. Não foram computadas as porcentagens relativas aos itens que apresentaram um total de reações inferior a 10.

(continua na pg. seguinte)

Tabela n.º 3 (continuação)

N.º de ordem	OBJETOS	F r e q u ê n c i a				
		r. +	r. -	total	% +	% -
	Montanha e montanhas	2	0	2		
	Pão	2	0	2		
	Pedras e pedras preciosas	2	0	2		
	Porta	1	1	2		
	Talher e talheres	2	0	2		
18º	Afastamento da casa da feiticeira	1	0	1		
	Animais ferozes	0	1	1		
	Bebida dos anões	1	0	1		
	Campo	1	0	1		
	Carruagem	1	0	1		
	Choque	1	0	1		
	Choupana	1	0	1		
	Colar	1	0	1		
	Copos	1	0	1		
	Coroa de ouro	1	0	1		
	Criado	1	0	1		
	Espinhos	1	0	1		
	Família	1	0	1		
	Felicidade	1	0	1		
	Filho pb. [dentes †] [rei ‡]	1	0	1		
	Flor	1	0	1		
	Fogo	1	0	1		
	Jóias	1	0	1		
	Lagoa	1	0	1		
	Miséria	0	1	1		
	Mobília	1	0	1		
	Noite: escuridão da —	0	1	1		
	Ouro: licor de — curativo	0	1	1		
	Ouro: pente de — envenenado	1	0	1		
	Palácio	1	0	1		
	Pânico	1	0	1		
	Pobres	1	0	1		
	Pratos	1	0	1		
	Quarto	1	0	1		
	Reis e rainhas	1	0	1		
	Rosa	1	0	1		
	Sadismo da madrasta má	0	1	1		
	Serviço da casa	1	0	1		
	Tentação	1	0	1		
	Torre	1	0	1		
	Túmulo da mãe	1	0	1		
	Velha	1	0	1		
		286	130	416	68	31

às características desta personagem e do seu papel no drama que a ficção visa a objetivar.

Vamos indicar, a título de exemplo, algumas das informações que nos pode fornecer esta tabela:

a) Entre os 20 objetos mais frequentes figuram todos os protagonistas da situação edipeana, bem como seus representantes.

b) Nesse número se contam também os símbolos fálicos.

c) Os tres objetos mais frequentes pertencem à série paterna, e a filha demonstra para com eles um alto grau de positividade, embora no grupo figure também um péssimo objeto: o “marido nobre rico feio assassino”.

As tabelas deste gênero destinam-se a fornecer minuciosos informes relativos ao “pattern” de ajustamento de cada elemento, possibilitando, ao mesmo tempo, estabelecer comparações entre os vários “patterns” individuais. Nesta apresentação do trabalho, porém, não incluiremos essas análises individuais. Delas nos utilizaremos quando necessário, mas não as transcreveremos na íntegra.

As demais tabelas do sujeito pautam-se pelo modelo destas duas últimas: de acordo com a ordem em que aparecem na tabela 2, elaboramos, para cada sujeito, duas tabelas de frequência dos objetos respectivos: uma obedecendo à ordem alfabética dos objetos e outra classificada conforme à ordem de frequência dos mesmos.

Quanto às tabelas relativas aos objetos, foram elaboradas pela mesma forma das que acabamos de descrever. A única diferença é que têm seu ponto de partida nos objetos. Para isso se torna necessário reordenar as fichas nas quais foram copiadas as reações, dispondo-as em ordem alfabética dos *objetos* e não mais dos sujeitos. A primeira tabela será, portanto: “Tabela completa da frequência dos objetos (tipos e sub-tipos, sujeitos que reagiram a cada objeto e frequência dessas reações)”.

A segunda será: “Tabela resumida da frequência dos objetos” — resumo da anterior, registrando os objetos-tipos e a frequência com que provocaram reações dos sujeitos.

A terceira tabela será: “Tabela da frequência dos objetos, classificados conforme à ordem decrescente de frequência” — ou seja, uma reordenação estruturada da anterior. E assim por diante, até esgotar a lista dos objetos.

Elaboramos ainda um terceiro tipo de tabelas, às quais chamamos: “tabelas combinadas” e que apresentam a frequência total de ocorrência de cada elemento, em toda a série de fantasias. Para obter esse resultado,

scramos as frequências obtidas em relação a cada elemento como *sujeito* e como *objeto*.

A organização destas tabelas combinadas obedeceu às mesmas normas das anteriores. Rreproduzimos aqui sòmente um fragmento da tabela de frequência dos sujeitos e objetos, em ordem decrescente de frequência, fragmento êste que inclui apenas os 20 elementos mais frequentes (n.º 4 - v. pg. seguinte).

IV. EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Uma vez elaboradas as tabelas, podemos passar à exploração do material coligido. Essa exploração pretende, como ficou dito, esclarecer os dinamismos projetados (desejos, impulso, conflitos), as compensações e defesas oferecidas, e ainda os “patterns” de ajustamento e as relações inter-pessoais e objetais.

A. Os Elementos

Como esclarecemos à pg. 12 n., designamos por “elemento” qualquer pessoa, objeto material, instituição ou outro fenômeno que se apresente como sujeito ou objeto nesta série de fantasias. O registro meticoloso dos dados permite conhecer a totalidade dêsses elementos, do mais significativo ao mais irrelevante, bem como o número absoluto e relativo de vezes que foi catetizado pelos autores. Não nos sentimos autorizados a afirmar que a maior frequência corresponda a catetização mais intensa, ou melhor, que a *catetização manifesta* — expressa, no material analisado, pela frequência de ocorrência de um elemento — corresponda à *catetização latente*, isto é, a uma polarização de afeto, no nível do inconsciente, sôbre um determinado elemento. Não é impossível que um sujeito ou objeto escassamente frequente tenha sido investido de alta carga de afeto. O mecanismo do “deslocamento”, identificado originariamente na elaboração onírica, mas atuante também na elaboração da fantasia — que não passa de um sonho submetido a adequada elaboração secundária — tornaria possível um desvio do acento afetivo, responsável pela reduzida frequência de um elemento altamente catetizado. Todavia, se não dispomos de base teórica para equacionar frequência e intensidade de catetização, os dados obtidos nesta análise parecem indicar pelo menos uma tendência nêsse sentido: os elementos mais frequentes são justamente os que a psicanálise aponta como maiores polarizadores de afeto nos conflitos projetados através da série de histórias analisadas. Esta coincidência se tornará evidente se examinarmos a tabela n.º 4, na qual figuram os 20 elementos mais frequentes na série de histórias, em ordem decrescente da frequência total que apresentaram como sujeitos e como objetos.

N.º 4 — Tabela combinada da frequência dos 20 sujeitos e objetos mais frequentes, classificados conforme à ordem decrescente de frequência.

Nº de ordem	Elementos	F r e q u ê n c i a				
		r.+	r.-	total	% +	% -
1ª	Filha	625	322	947	65	34
2ª	Filho (")	553	233	787	70	29
3ª	Autor	242	136	378	64	35
4ª	Pai	201	124	325	61	38
5ª	Irmãos	145	148	293	49	50
6ª	Madrasta	71	147	218	32	67
7ª	Velho	174	24	198	87	12
8ª	Reis	82	66	148	55	44
9ª	Mãe	69	79	148	46	53
10ª	Fada e fadas	89	51	140	63	36
11ª	Fera	103	36	139	74	25
12ª	Marido nobre rico feio assassino	50	69	119	42	57
13ª	Passarinho e passarinhos	84	16	100	84	16
14ª	Irmãs	45	48	93	48	51
15ª	Anão e anões	63	22	85	74	25
16ª	Príncipe	69	14	83	83	16
17ª	Agente não especificado	54	23	77	70	29
18ª	Feiticeira	11	59	70	15	84
19ª	Velha	34	18	52	65	34
20ª	Avó viuva	44	3	47	93	6

(") O Filho apresenta uma reação neutra.

De acôrdo com essa tabela, os 10 elementos mais frequentes são os seguintes:

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1.º — Filha | 6.º — Madrasta |
| 2.º — Filho | 7.º — Velho encantado |
| 3.º — Autor | 8.º — Reis |
| 4.º — Pai | 9.º — Mãe |
| 5.º — Irmão e irmãos | 10.º — Fada e fadas |

Como vemos, os elementos constantes desta lista (com exceção do autor) são todos membros da constelação familiar, que se apresentam em pessoa ou por intermédio de seus representantes no reino da fantasia. Essa simples verificação de frequência já permite identificar os protagonistas mais importantes do drama de conflitos e compensações projetado nas histórias, tornando possível, ao mesmo tempo, situar o cenário desse drama: a situação familiar.

B. Tipos de Elementos Significantes

Ao iniciar a análise de uma história, a primeira tarefa consiste em caracterizar, tão exatamente quanto possível, os elementos mais importantes, a começar, naturalmente, pelo herói.

A caracterização exata é indispensável para que se possa compreender o sentido do elemento e de suas relações pessoais ou objetais. Além disso, como dissemos acima, a nomenclatura que vai individualizar o elemento deve ser muito precisa para que êle possa ser colocado entre os da mesma categoria.

A caracterização dos elementos se faz pela verificação dos atributos que o autor empresta ao elemento. O estudo desses atributos nos pode revelar muita coisa sôbre os estereótipos peculiares ao autor.

Passemos a examinar um a um os elementos mais frequentes.

1.º) *Filha* (aparece como heroína em 6 histórias: Branca de Neve, A Gata Borralheira, João e Maria, A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, O Barba Azul).

1. A Filha é quase sempre bonita (5 casos em 6) e jamais expressamente feia.
2. Em tres casos sôbre 6 é órfã de mãe.
3. Sômente em um caso é órfã de pai.
4. A mãe, em relação à filha, é ambivalente: em 2 casos é bom objeto; em um caso é mau objeto.
5. O pai, em relação à filha, é objeto bom e intermediário: jamais mau objeto.
6. Em dois casos a filha tem madrasta, e esta é mau objeto.
7. Nos dois casos em que tem irmãos do sexo masculino, estes são bons objetos. Nos 3 casos em que possui irmãs, em dois estas são maus objetos.
8. A filha é nobre em 2 casos sôbre 6.
9. É quase sempre rica: pobre sômente em um caso.
10. É sempre boa.

Na caracterização da filha predominam aspectos positivos, que a elevam dos pontos de vista estético, financeiro e moral. É hostilizada pela madrasta e pelas irmãs e apoiada pelos irmãos do sexo masculino.

Sub-tipos:

1. Filha bonita [mãe +] [pai -] O Barba Azul
2. Filha bonita caçula boa [mãe -] [pai +] Bela e a Fera
3. Filha bonita princesa [mãe +] [pai +] A Bela Adormecida
4. Filha bonita princesa [mãe -] [pai +] Branca de Neve
5. Filha bonita [mãe -] [pai +] A Gata Borralheira
6. Filha pobre [mãe X] [pai +] João e Maria

2.º) *Filho* (aparece como herói em 5 histórias: João e Maria, O Menino da Mata e seu Cão Piloto, A Baba do Passarinho, O Patetinha, Os Tres Fios de Cabelo do Diabo).

1. Os autores nada dizem quanto ao aspecto físico do filho.
2. Em 3 casos sobre 5 não aparece a mãe (morta em um caso, sem referência alguma em 2).
3. Em nenhum caso é órfão de pai.
4. A mãe jamais é bom objeto: em um caso é mau objeto e em outro é objeto intermediário.
5. O pai é bom objeto em um caso, intermediário em 2, mas jamais mau objeto.
6. Tres vezes em cinco o filho é caçula.
7. Nos 3 casos em que tem irmãos, estes são mais velhos e maus objetos. A única irmã é bom objeto.
8. O filho é sempre plebeu.
9. Em 3 casos é pobre e em nenhum é rico.
10. É sempre bom.
11. Em um caso é intelectualmente inferior.
12. Em um caso é possuidor de dentes (símbolo fálico) desde o nascimento.

A caracterização do filho apresenta um colorido ambivalente, com predominância dos traços negativos. Os autores elevam-no do ponto de vista moral, mas inferiorizam-no social e financeiramente. Não se referem ao seu aspecto físico e em um caso apontam-no como intelectualmente inferior. Em compensação, em um caso também o apresentam como um prodígio, por ter nascido com dentes. Apresentam-no quase sempre como caçula. É hostilizado pela mãe e pelos irmãos mais velhos.

Sub-tipos:

1. Filho caçula [mãe ?] [pai +] A Baba do Passarinho
2. Filho caçula inferiorizado intelectualmente [mãe ?] [pai +]
..... O Patetinha
3. Filho caçula pobre [mãe -] [pai +] O Menino da Mata e seu
Cão Piloto
4. Filho pobre [dentes +] [mãe +] [pai +] .. Os Tres Fios de Cabelo
do Diabo
5. Filho pobre [mãe X] [pai +] João e Maria

3.º) *Pai* (figura em 9 histórias: Branca de Neve, A Gata Borrallheira, João e Maria, A Bela Adormecida, O Menino da Mata e seu Cão Pi-

loto, Os Tres Fios de Cabelo do Diabo, A Bela e a Fera, O Patetinha, A Baba do Passarinho).

1. Dentre 10 pais, somente um é morto.
2. Não ha referêntia ao aspecto físico do pai.
3. O pai é nobre em 2 casos e plebeu em 7.
4. Em dez casos, o pai é viuvo em 4. A mãe entretanto não é mencionada em outros três casos.
5. O pai é rico em 4 casos.
6. Em 3 casos o pai é bom e nos 6 restantes é intermediário ou neutro. Jamais é mau objeto.

A eliminação da pai é extremamente rara. Não ha uma nítida elevação social ou financeira dessa figura; todavia, ela é apresentada como objeto bom, intermediário ou neutro, mas nunca mau. A existência do pai — ou sua morte, que ocorre em um caso — é sempre claramente indicada: em nenhum caso se observa falta de referências que nos possa deixar em dúvida quanto à existência ou não da figura paterna. Já a respeito da mãe, ha muito maior indeterminação: em 3 histórias, o autor simplesmente deixa de mencioná-la.

<i>Sub-tipos</i>	Frequência	Histórias
1. Pai	3	Os Tres Fios de Cabelo do Diabo, A Baba do Passarinho, O Patetinha.
2. Pai pobre	2	João e Maria, O Menino da Mata e seu Cão Piloto.
3. Pai rei	2	A Bela Adormecida, Branca de Neve
4. Pai rico viuvo...	2	A Gata Borrallheira, A Bela e a Fera.

4.º) *Mãe* (aparece em 7 histórias: Branca de Neve, A Gata Borrallheira, A Bela Adormecida, João e Maria, Os Três Fios de Cabelo do Diabo, O Barba Azul, O Menino da Mata e seu Cão Piloto)

1. Em 3 casos a mãe é morta no início da história, e em outros 3 (A Baba do Passarinho, O Patetinha, A Bela e a Fera) não se faz referêntia alguma à sua existência.
2. Não ha referêntia ao aspecto físico da mãe.
3. A mãe é nobre em 2 casos apenas.
4. Dentre as 4 mães vivas, uma é viuva.
5. A mãe é rica em 4 casos.
6. É boa em 3 casos, intermediária em 1 e má em 1.

Em 6 casos a mãe é eliminada logo no início da história, quer pela morte expressa, quer pela ausência de qualquer referêntia à sua existên-

cia. Compare-se o caso do pai, que é morto uma só vez em 10: nas 9 histórias restantes ha referência expressa ao pai — sua existência nunca fica indetrmnada. Não ha tendência predominante a elevar social e economicamente a mãe. Quanto ao carater, a apresentação é ambivalente: 3 mães boas, ao lado de 1 intermediária e uma francamente má. É preciso notar, entretanto, que uma mãe boa e duas neutras morrem ao iniciarem-se as histórias respectivas. Somando às 3 mães a cuja existência não se faz referência e que podem, do ponto de vista psicológico, ser consideradas mortas, teremos 6 mães inatuantes; restam, portanto, 4 mães atuantes, das quais 2 são bons objetos, uma é objeto intermediário e uma é mau objeto.

<i>Sub-tipos</i>	Frequência	Histórias
1. Mãe morta.....	2.....	O Menino da Mata e seu Cão Piloto, A Gata Borrallheira.
2. Mãe Pobre.....	2.....	João e Maria, Os Tres Fios de Cabelo do Diabo.
3. Mãe Rainha.....	1.....	A Bela Adormecida
4. Mãe rainha morta	1.....	Branca de Neve
5. Mãe viuva.....	1.....	Barba Azul

5.º) *Irmãos* (9) figuram em 5 histórias: (João e Maria, O Barba Azul, A Baba do Passarinho, O Patetinha, O Menino da Mata e seu Cão Piloto).

1. Não ha referência ao aspecto físico dos irmãos.
2. Na grande maioria são mais velhos que o herói: 10 em 13. E nos tres casos restantes não ha referência a idades relativas.
3. Os irmãos são sempre plebeus, isto é, os heróis nobres não têm irmãos.
4. Nenhum irmão é rico. 7 são expressamente pobres.
5. Quanto ao carater, os maus sobrepujam de longe os bons.

Os irmãos são projetados preponderantemente sob aspectos negativos: são todos plebeus e, na grande maioria, pobres. Quanto ao carater, predominam os maus. E é preciso acentuar que os maus são justamente os mais velhos: os 3 irmãos bons são aqueles em relação aos quais não ha referência à posição na série fraterna. Os irmãos aparecem de preferência nas histórias em que o herói é do sexo masculino: nestas são sempre mais velhos e maus objetos, que perseguem o irmão caçula. Quando aparecem ao lado de heroínas, não ha referência à idade relativa e são sempre bons objetos: ajudam, protegem e consolam a irmã.

(9). — Incluimos "irmão" e "irmãos" sob a mesma rubrica porque, tanto coletiva como individualmente, apresentam idênticas características.

<i>Sub-tipos</i>	Frequência	Histórias
1. Irmão pobre.....	1.....	João e Maria
2. Irmãos.....	2.....	Barba Azul
3. Irmãos mais velhos...	4.....	A Baba do Passarinho, O Pate- tinha.
4. Irmãos mais velhos po- bres ladrões.....	6.....	O Menino da Mata e seu Cão Piloto.

6.º) *Irmãs* ⁽¹⁰⁾ (figuram em 4 histórias: João e Maria, A Gata Borralheira, A Bela e a Fera, O Barba Azul).

1. Quanto ao aspecto físico, a beleza e a fealdade parecem estar divididas equitativamente entre as irmãs.
2. O lugar das irmãs na série fraterna é variável.
3. São todas plebéias: os heróis nobres não têm irmãs.
4. O nível económico é variável.
5. O número de irmãs más é o dôbro do de irmãs boas.

A única tendência nítida se refere ao carater das irmãs: são predominantemente más, e essa hostilidade se dirige sempre contra outra irmã — jamais contra um irmão.

Observando em conjunto o grupo formado por irmãos e irmãs, notamos:

- 1.º) Solidariedade de irmão para irmã e vice-versa.
- 2.º) Hostilidade de irmão para irmão e de irmã para irmã.
- 3.º) Hostilidade de irmão para irmã e vice-versa: não existe.

<i>Sub-tipos</i>	Frequência	Histórias
1. Irmã	1.....	O Barba Azul
2. Irmã pobre.....	1.....	João e Maria
3. Irmãs mais moças....	2.....	A Gata Borralheira
4. Irmãs mais velhas....	2.....	A Bela e a Fera

7.º) *Madrasta* (figura em 2 histórias: Branca de Neve, A Gata Borralheira).

A caracterização da madrasta só apresenta tendência perceptível em relação ao carater: quanto ao aspecto físico, "status" social e nível

(10). — Cf. nota relativa a "irmãos", pg. 41.

económico, não ha estereótipo. Entretanto, em relação ao carater, os autores aderem rigidamente ao padrão clássico da madrasta mau objeto. Aliás, está colocada em 2.º lugar em porcentagem de reações negativas, como veremos ao discutir os tipos de reações de cada elemento. É sobrepujada nesse aspecto somente pela feiticeira velha.

<i>Sub-tipos</i>	Frequência	Histórias
1. Madrasta má.....	1	A Gata Borralheira
2. Madrasta rainha bonita má	1	Branca de Neve

8.º) *Avó viuva* (aparece em 1 história: O Menino da Mata e seu Cão Piloto).

A avó é uma velhinha pobre e obscura, mas essencialmente boa: é, como veremos mais adiante, o elemento que obtem mais alta porcentagem de reações positivas. Notar que a avó, única figura feminina decididamente bom objeto, é *viuva*.

9.º) *A família*

1. Na família é mais frequente a eliminação da mãe que do pai.
2. Dos três pais viuvos, 2 voltam a casar-se. A única mãe viuva não o faz.
3. Em oito famílias os filhos são todos do mesmo sexo.
4. Predominam as famílias plebéias: 8 em 10.
5. Quanto ao nível económico, não ha tendência nítida: 3 famílias são ricas, 3 são pobres e em relação a 4 não ha referência nesse sentido.

Nesta série de fantasias não se verifica a tendência a exaltar a ascendência do herói, ou seja “o romance familiar do neurótico”, observado por Freud em seus pacientes e identificado por Rank nos mitos relativos ao nascimento do herói (16, pp. 65, segs.). Realmente, não ocorrem nos contos analisados as características dessa fantasia paranoide, que atribue ao herói uma ascendência nobre e rica, quando não semi-divina. Parece haver uma leve tendência nesse sentido em relação à filha: como vimos, nas 6 histórias em que ocorre, a filha é rica em 3 e nobre em 2. No caso do filho, porém, a tendência parece ser exatamente contrária: é sempre plebeu e jamais rico. É verdade que acaba sempre por alcançar fortuna, acompanhada, em alguns casos, de aristocracia. A provável explicação dessa peculiaridade dos contos analisados será discutida quando estudarmos os conflitos projetados.

10.º) *Príncipe* ⁽¹¹⁾ (aparece em 4 histórias: (Branca de Neve, A Gata Borralheira, A Bela e a Fera, A Bela Adormecida).

O príncipe é uma figura positivamente caracterizada: moço sempre, bonito em um caso e feio em nenhum, desposa sempre a heroína.

11.º) *Rei* (aparece em 5 histórias: Branca de Neve, A Gata Borralheira, A Bela Adormecida, A Baba do Passarinho, Os Três Fios de Cabelo do Diabo).

O rei é um objeto ambivalente. Sòmente em dois casos tem interferência direta na vida do herói: em um deles é malvado e perseguidor (e hostiliza justamente o herói que nasceu *com dentes*); no outro, é bom e paternal. É de notar-se que, neste último caso, é cego, o que equivale a dizer: castrado.

<i>Sub-tipos</i>	<i>Frequência</i>	<i>Histórias</i>
1. Rei	3 Branca de Neve, A Gata Borralheira, A Bela Adormecida.
2. Rei bom cego	1 A Baba do Passarinho.
3. Rei mau	1 Os Tres Fios de Cabelo do Diabo

12.º) *Marido* (aparece como figura significativa em uma história: O Barba Azul).

O marido é nitidamente mau objeto, apesar de se lhe atribuirem dois aspectos positivos: riqueza e nobreza. Entretanto, as características inerentes à personalidade do marido são intensamente negativas: é fisicamente repelente e moralmente perverso.

13.º) *Simbolos fálicos*

1. *Anões* (aparecem em 1 história: Branca de Neve).

Características: bons, favoráveis à heroína. Extraem pedras preciosas das minas e possuem grandes riquezas. Estes traços parecem denunciar um componente anal nessa figura.

2. *Passarinhos encantados* (figuram em 3 histórias: A Gata Borralheira, João e Maria, A Baba do Passarinho).

Os passarinhos tendem nitidamente a favorecer os heróis de ambos os sexos e a hostilizar os irmãos e irmãs perseguidores. Sòmente em

(11). — Focalizamos aqui sòmente os príncipes que aparecem como personagens secundárias; não nos referimos ao herói que se torna príncipe na etapa final de suas aventuras.

um caso são contrários aos heróis: quando comem as migalhas de pão que João havia atirado pelo caminho para garantir a volta à casa paterna (João e Maria). Entretanto, esses mesmos passarinhos é que depois presenteiam as duas crianças com fabulosas riquezas.

Os passarinhos individualizados, que têm papel significativo na trama da história, são sempre favoráveis aos heróis.

É de notar-se que o passarinho, símbolo fálico clássico, seja igualmente favorável ao menino e à menina (Cf. discussão da substituição da mãe pelo símbolo fálico, à pg. 63). Note-se também que o passarinho encantado, individualizado e significante, ocorre em tres histórias nas quais figura o tema do abandono, em plano quer central, quer secundário (João e Maria, A Gata Borracheira, A Baba do Passarinho).

Os passarinhos encantados são:

- a) Favoráveis ao herói em duas histórias: João e Maria, A Baba do Passarinho.
- b) Favoráveis à heroína em duas histórias: João e Maria, A Gata Borracheira.
- c) Desfavoráveis aos irmãos e às irmãs perseguidores em duas histórias: A Baba do Passarinho, A Gata Borracheira.

3. *Serpente alada* (aparece em uma história).

A figura da serpente alada ocorre em relação à parte propriamente edipeana da história "A Baba do Passarinho": é a carcereira da fada encantada, e persegue o herói, com quem esta vem a casar-se.

4. *Pequenos animais: formigas e abelhas*. Ocorrem em uma história (O Patetinha): são favoráveis ao herói e frustradores em relação aos irmãos maus objetos.

5. *Fuso*. Aparece em uma história (A Bela Adormecida) e é desfavorável à heroína.

14.º) *Baba Curativa Perfumada* (produzida pelo passarinho encantado através do bico). Aparece em uma história: A Baba do Passarinho.

É favorável ao herói e ao rei bom cego e desfavorável aos irmãos mais velhos maus objetos.

Essa baba curativa e perfumada é provavelmente símbolo do líquido seminal, e se destina à cura específica da *cegueira* (idéia do penis intacto e potente reconstituindo o penis castrado): restitue a vista ao herói (que havia sido *cegado* pelos irmãos mais velhos perseguidores, os quais, pleonasticamente, ainda lhe roubam o passarinho encantado pro-

dutor da baba milagrosa) e ao rei bom cego. Neste caso o líquido seminal compartilha do aspecto positivo da urina e das fezes, que às vezes funcionam simbolicamente como arma ou veneno, (8, p. 62 segs.), mas em outros casos têm um valor positivo: objeto valioso, presente, dinheiro e remédio. (Cf. o emprego do licor *de ouro* como remédio na história de Branca de Neve).

15.º) *Velho encantado* (aparece em uma história: A Baba do Passarinho).

Bom objeto, dotado de poderes mágicos, protege o herói e possibilita-lhe a conquista do passarinho encantado cuja baba perfumada cura a cegueira. É hostilizado pelos irmãos mais velhos perseguidores.

16.º) *Fadas* (ocorrem em 3 histórias: A Bela Adormecida, A Baba do Passarinho, A Bela e a Fera).

As fadas são ambivalentes: boas e más, bonitas e feias, moças e velhas. Apresentam a mesma probabilidade de ser bom ou mau objeto. Das duas fadas más, uma persegue a heroína (A Bela Adormecida) e a outra o príncipe, que transforma em fera (A Bela e a Fera).

Sub- tipos	Frequência	História
1. Fada boa	1 A Bela Adormecida
2. Fadas boas	várias A Bela Adormecida
3. Fada Bonita Princesa Rica ..	1 A Baba do Passarinho
4. Fada má	1 A Bela e a Fera
5. Fada má velha feia	1 A Bela Adormecida

17.º) *Feiticeira* (aparece em uma história: João e Maria).

A feiticeira é velha, feia e má: apresenta exclusivamente aspectos negativos. Persegue, com desígnios canibalísticos, o herói e a heroína.

C. "Pattern" Geral de Ajustamento

Passemos a examinar, através da distribuição das reações positivas e negativas entre os 20 elementos mais significantes, a constelação de bons e maus objetos tal como se apresenta na série de fantasias analisadas. Deduziremos essas informações dos dados relativos à categoria das reações dos 20 elementos mais significantes.

Ao referirmo-nos a "elementos mais significantes", pretendemos indicar as personagens, os objetos materiais, etc., cuja atuação é central no desenrolar-se do drama projetado na fantasia. No material analisado por este estudo, esses elementos são também os que apresentam mais alta frequência, fato este que talvez constitua um argumento a favor da

hipótese de que os elementos mais frequentes sejam também os mais intensamente catetizados.

Passemos a examinar a tabela n.º 5 onde estão registradas, em ordem decrescente das porcentagens de reações positivas, as porcentagens de reações positivas e negativas dos 20 elementos mais frequentes como sujeitos e objetos.

N.º 5 — Tabela combinada da porcentagem de reações positivas e negativas dos 20 elementos mais frequentes como sujeitos e como objetos (classificada conforme à ordem decrescente das porcentagens das reações positivas).

Nº de ordem	Elementos	Porcentagem	
		reações pos.	reações neg.
1ª	Avó viuva	93	6
2ª	Velho encantado	87	12
3ª	Passarinho e passarinhos	84	16
4ª	Príncipe	83	16
5ª	Anão e anões	74	25
	Fera encantada	74	25
6ª	Agente não especificado	70	29
	Filho	70	29
7ª	Filha	65	34
	Velha	65	34
8ª	Autor	64	35
9ª	Fada e fadas	63	36
10ª	Pai	61	38
11ª	Rei e reis	55	44
12ª	Irmão e irmãos	49	50
13ª	Irmã e irmãs	48	51
14ª	Mãe	46	53
15ª	Marido	42	57
16ª	Madrasta	30	69
17ª	Feiticeira	15	84
c			

Examinando essa tabela, notamos, logo de início, que a maior porcentagem de reações positivas foi apresentada pela avó viuva: 93%. Isto significa que a avó viuva exerceu e recebeu a maior porcentagem de reações positivas. Segue-se o velho encantado, com 87% de reações po-

sitivas. Temos aí, portanto, um representante da série materna e outro da série paterna que se revelam como bons objetos (12) por excelência.

Focalizando o aspecto contrário, maior porcentagem de reações negativas, vamos encontrar: em primeiro lugar, a feiticeira, com 84% de reações negativas e, em segundo lugar, a madrasta, com 69%, isto é, dois representantes da série materna, que se mostram assim campeões da negatividade.

Voltando ao início da tabela, observamos que as posições indicativas de maior positividade estão, com exceção da primeira (conquistada pela avó viuva), ocupadas, até a 5a., por representantes da série paterna e símbolos fálicos: velho encantado (87%), passarinhos (84%), príncipe (83%), fera encantada (74%) e anões (74%). E note-se ainda que, de todos êstes elementos, nenhum pertence à realidade quotidiana: ou são seres fantásticos, como os anões, ou apresentam uma característica fabulosa: o poder mágico. Em resumo, são todos imaginários. Quanto ao próprio pai, vem situar-se muito mais abaixo, em 10.º lugar, com 61% apenas de reações positivas, porcentagem que o coloca praticamente entre os objetos intermediários. Ao pai segue-se outra série de representantes paternos, os reis, com 55% de positividade. E, em 15.º lugar, vamos encontrar o marido, talvez representante paterno. Vemos assim que o pai e seus representantes mais próximos da realidade, os reis e o marido, são todos objetos intermediários, em contraste com os representantes fabulosos, francamente bons objetos.

Examinemos a situação da mãe e dos representantes maternos. Após haverem ocupado o primeiro lugar, com a alta porcentagem de positividade da avó viuva, os representantes maternos só reaparecem em 7.º lugar: aí encontramos a velha, com 65% de reações positivas. As fadas figuram em 9.º lugar — 63%. A própria mãe só aparece em 14.º lugar, com 46% de reações positivas, o que a situa quase na fronteira do mau objeto. E finalmente, como já indicamos acima, nos dois últimos lugares figuram a madrasta e a feiticeira, declaradamente maus objetos.

(12). — O critério numérico para classificação de um elemento como objeto bom, mau ou intermediário, é o seguinte:

Bom objeto = 100% a 60% de reações positivas

Objeto int. = 59% a 41% de reações positivas

Mau objeto = 40% a 0% de reações positivas.

Reservamos aos objetos intermediários somente a faixa (limitada na tabela n.º 5 por dois traços) em que a porcentagem de reações positivas e negativas se equilibra, partindo da noção de que só pode ser considerado "intermediário" aquilo que não se inclina nitidamente em direção a qualquer dos extremos. Julgamos que 9 unidades de variação em um ou outro sentido eram a oscilação máxima que se poderia conceder a um objeto digno de ser classificado como intermediário. Por essa razão, a faixa reservada aos objetos intermediários é mais estreita que a ocupada pelos dois outros tipos de objetos. Por outro lado, 20 unidades de deferença entre a porcentagem de reações positivas e negativas nos pareceram o mínimo aceitável para admitir que a balança havia realmente pendido para o lado da positividade ou da negatividade.

Os irmãos, por sua vez, colocam-se entre os objetos intermediários, com 49% de positividade, seguidos pelas irmãs, com 48%.

À primeira vista, esta classificação parece estar em contradição com a caracterização que atribuímos atrás a êstes dois elementos, indicando-os como perseguidores dos heróis. Entretanto, é preciso considerar que a frequência total que um elemento apresenta, como sujeito e como objeto, inclui não só as reações que exerce sobre o herói e dele recebe, como também a sua atuação para com outros objetos. Os irmãos, por exemplo, em algumas histórias competem com o herói na conquista de determinados objetivos (o passarinho encantado, a fada encantada, etc.); é claro que a sua atuação para com os objetivos almejados é muito diversa da que apresentam em relação ao rival. Assim, acumulam reações positivas, embora se comportem nitidamente como maus objetos.

Não se conclua, porém, que a classificação que obtêm os irmãos na tabela n.º 5 seja falsa. O que acontece é que esta tabela retrata o "pattern" total de ajustamento dos elementos ao mundo em geral, tal como é projetado na série de fantasias. Aliás, é justamente êsse "pattern" geral que estamos focalizando nesta secção.

Para esclarecer cabalmente a atuação dos irmãos, seria necessário, em primeiro lugar, distinguir no grupo "irmãos" os vários sub-tipos, e depois analisar miudamente as reações que apresentam em relação a diferentes situações. Esta questão se relaciona também com o problema da verdade, ao qual nos referimos na pg. 18. Neste caso, trata-se de estabelecer claramente qual o todo de que é parte o fenômeno em estudo.

Destacando da totalidade das reações dos "irmãos" aquelas que foram dirigidas diretamente ao herói, obtivemos a frequência registrada no Quadro n.º 1 — *Frequência das reações dos sujeitos-tipos "irmãos mais velhos" para com o objeto "irmão caçula"*.

O b j e t o	R e a ç õ e s				
	+	-	total	+	-
Irmão caçula	15	33	48	31	68

De acôrdo com essas frequências, os irmãos passam, de objetos intermediários, a maus objetos, com 31% apenas de reações positivas.

Mas ainda ha um fato a notar em relação a êstes sujeitos: entre os irmãos que reagiram ao irmão caçula, estão incluídos os irmãos

pobres ladrões. Estes, entretanto, apresentam duas facetas, em função das vicissitudes que atravessaram na vida: de moços fortes e audaciosos caçadores, passam a velhos e doentes, em resultado de longo encarceramento nas prisões do rei, cujos veados costumavam matar. E então a sua conduta para com o irmão caçula se altera radicalmente: de prepotentes perseguidores, passam a humildes pedintes que, no seu desvalimento, apelam para o irmão mais moço, transformado em próspero agricultor graças ao auxílio da avó. Julgamos de interesse pôr em relêvo essa mudança de atitude, extremamente significativa para compreensão do mecanismo de compensação que é parte integrante da fantasia optativa e que discutiremos adiante, na pg. 64. Para isso elaboramos um quadro da frequência das reações dos "irmãos mais velhos pobres ladrões [X irmão caçula] doentes [↑ crimes próprios]" para com o irmão caçula:

Quadro n.º 2 — Frequência das reações dos sujeitos "irmãos mv. pb. ladrões [X irmão cl.] doentes [↑ crimes próprios]" para com o objeto "irmão cl."

O b j e t o	R e a ç õ e s				
	+	-	total	%+	%-
Irmão caçula	11	2	13	84	15

Este quadro revela os irmãos mais velhos fracos e doentes transformados em bons objetos, que se humilham perante o antigo perseguido; indica também que os irmãos mais velhos perseguidores eram objetos ainda piores do que nos faz crer o quadro inclusivo (Quadro n.º 1), que se refere a todos os irmãos mais velhos. De fato, se subtrairmos das frequências do Quadro n.º 1 as do Quadro n.º 2, teremos:

Quadro n.º 3 — Frequência das reações dos sujeitos-tipos "Irmãos mais velhos" (com exclusão do sub-tipo "Irmãos mv. pb. ladrões [X irmão cl.] doentes [↑ crimes próprios]" para com o objeto irmão caçula".

O b j e t o	R e a ç õ e s				
	+	-	total	%+	%-
Irmão caçula	4	31	35	11	88

De onde podemos concluir que os irmãos mais velhos perseguidores são projetados como objetos ainda piores que a própria feiticeira (cf. Tabela n.º 2, pg. 30). A significação e a importância deste fato serão bem compreendidas quando discutirmos, na pg. 58, o tema edipeano, tal como é projetado nas histórias analisadas.

A classificação “objetos intermediários” que atribuímos ao sujeito-tipo “irmãos”, é pois verdadeira para o grupo. Isto significa que os autores projetam os irmãos, tomados em conjunto, de maneira ambivalente: não revelam um estereótipo inclusivo que alcance todos os tipos dessa classe. Mas não vamos concluir daqui, apressadamente, que essa ausência de um estereótipo inclusivo denote objetividade na concepção da figura do irmão. Bem ao contrário, os autores denotam possuir vários estereótipos, pois estabelecem nítida distinção entre os diversos tipos de irmãos e o que é mais, fazem variar rigidamente a conduta destes em função do objeto ao qual se dirigem as suas reações. Como já indicamos, não se encontra na série de histórias um só caso de hostilidade entre irmãos de sexos diferentes. É o que nos mostra o Quadro n.º 4, que registra a frequência das reações dos irmãos para com a irmã.

Quadro n.º 4 — *Frequência das reações do sujeito “Irmãos” (“irmão pb. [mãe X]” e “irmãos”) para com os objetos “Irmã pb. [mãe X]” e “Irmã bnt.”*

O b j e t o	R e a ç õ e s				
	+	-	total	%+	%-
Irmã bnt.	3	0	3		
Irmã pb. [mãe X]	8	0	8		
T o t a l	11	0	11	100	0

De acordo com este quadro, portanto, o irmão é 100% bom objeto em relação à irmã. Quem nos dera que esta situação retratasse fielmente a realidade, a bem do sossego e união das famílias! Este é um belo exemplo da forma pela qual a fantasia deturpa a realidade, reelaborando-a de acordo com os estereótipos fixados pelas constelações psicodâmicas do autor.

Estas observações se aplicam também às irmãs.

Seria natural perguntar se, em relação a outros elementos, não se verifica a discrepância assinalada no caso dos irmãos, entre o “pattern” geral de ajustamento e os “patterns” especiais, referentes a situações

menos inclusivas. Esse desacôrdo só se verifica no caso dos elementos que não polarizam no herói a totalidade do seu comportamento. E estes constituem mincria: na sua maior parte, os elementos atuam exclusivamente em função do seu papel de protetores ou perseguidores dos heróis. Entre os que revelam outros interesses além da influência direta que exercem sobre o herói, contam-se, além dos irmãos e irmãs, a madrasta, o rei mau e o rei bom cego.

Voltando ao exame da Tabela n.º 5, verificamos que a mãe vem colocada em 14.º lugar, manifestando-se, de modo geral, como objeto intermediário, tendendo a mau. E suas reações específicas ao filho e à filha conservam-na dentro da mesma categoria.

Finalizam a lista a madrasta e a feiticeira, ambas declaradamente maus objetos, com 30% e 15% de reações positivas.

O filho e a filha mostram-se como bons objetos (70% e 65% de reações positivas, respectivamente), apesar do clima de perseguições, dificuldades e perigos em que se movem. Isso demonstra que, embora projetados como vítimas, não liberam a agressividade que as frustrações e as perseguições naturalmente provocam. Essa agressividade, todavia, é deslocada para outros elementos que, em 7 das 10 histórias analisadas, se incumbem de castigar os perseguidores e frustradores dos heróis (o que afasta a hipótese da existência de um traço masoquista na projeção da figura destes):

a) a madrasta de Branca de Neve morre fulminada pelo temor de que seus crimes venham a ser descobertos;

b) as irmãs malvadas da Gata Borralheira têm os olhos furados pelo passarinho encantado quando, cheias de inveja e ódio, se preparam para assistir ao casamento da irmã. É interessante notar que a madrasta, que agiu para com a Gata Borralheira de maneira tão sádica quanto as irmãs, não foi castigada. Trata-se de mais um caso de deslocamento, em que o desejo de vingança contra a mãe mau objeto se projetou, na fantasia, sobre as irmãs, via de descarga menos perigosa;

c) o Barba Azul é morto pelos irmãos da mulher;

d) as irmãs de Bela, heroína de A Bela e a Fera, são transformadas em estátuas, por uma boa fada, para castigo da sua malquerença contra a irmã caçula;

e) em Os Tres Fics de Cabelo do Diabo, o rei perseguidor acaba ficando preso eternamente à barca encantada;

f) os irmãos mais velhos perseguidores do caçula em A Baba do Passarinho, são condenados à morte pelo rei e salvam-se apenas pela intercessão do irmão caçula, que haviam perseguido, roubado e mutilado;

g) o herói de O Menino da Mata e seu Cão Piloto é vingado não só pelo rei, que aprisiona os irmãos mais velhos e confisca-lhes os poucos bens, mas também pela doença que transforma os irmãos perseguidores

em pobres inválidos, que veem a depender do irmão caçula para seu sustento.

Examinando, em relação ao filho e à filha, as tabelas de reações, verificamos que a proporção de reações positivas e negativas, reveladora do tipo de ajustamento, não varia muito quando se tomam êsses elementos quer como sujeitos ou objetos, quer sob os dois aspectos conjuntamente. Com efeito, a filha apresentou:

como sujeito: 68% de reações positivas
como objeto: 63% de reações positivas
como ambos: 65% de reações positivas.

O filho, por sua vez, revela a mesma porcentagem nos tres casos: 70%. Seria de esperar que, perseguidos e maltratados como são, apresentassem alto grau de negatividade como objetos. O que vem equilibrar a proporção de reações positivas e negativas que recebem é justamente a interferência de determinados agentes (anões, fadas, passarinhos encantados, velho encantado, etc.), que compensam a malevolência das madrastas, das feiticeiras, dos irmãos mais velhos, etc.

E' traço típico das "histórias de fadas" incluírem a atuação de forças sobrenaturais, que se manifestam quer pró, quer contra o herói. A essa força despersonalizada e mágica, demos o nome de "agente não especificado", indicando a sua interferência benéfica ou maléfica relativamente ao herói pelos adjetivos "favorável" e "desfavorável". Pela categoria predominante das reações dêsse agente não especificado, verifica-se que a sua interferência pendeu consideravelmente para o aspecto favorável, sendo, pois, justificado colocá-lo entre os agentes benéficos a que nos referimos no parágrafo anterior, cuja ação equilibra a hostilidade dos elementos perseguidores.

Por "reações do autor" queremos indicar os comentários que por vezes acompanham a ação. A rigor, de acôrdo com a teoria projetiva que serve de base a êste trabalho, todas as reações são do autor — ou, no caso, dos autores, como porta-vozes da fantasia optativa popular. E' através das suas personagens, entretanto, que o autor se revela, projetando no comportamento destas os seus próprios conflitos ou soluções. Discriminamos como "reações do autor" as manifestações que não provem diretamente de nenhum dos elementos que êste põe em cena. Na maior parte, constam de adjetivos ou advérbios, que qualificam o elemento ou lhe emprestam à ação um determinado colorido afetivo. Por exemplo, quando deparamos com a frase: "Mas a malvada madrasta não quis cumprir a promessa", além da reação da madrasta, registramos também uma reação do autor, tendo como objeto a madrasta, e que caracterizamos como: "inferiorização moral". O autor, naturalmente, jamais aparece como objeto. Como sujeito, revela apreciável grau de

positividade (64%), mostrando assim que mais frequentemente elogia e aprova suas personagens do que as inferioriza ou censura. Se analisarmos, entretanto, os objetos aos quais dirigiu as suas reações, veremos que elas se dividem, entre os diversos elementos, segundo um senso de justiça típico do código de valores das camadas primitivas do psiquismo: os heróis recebem aprovação e encômios, enquanto que os objetos perseguidores são alvo apenas de censuras e comentários depreciativos. Para com a “filha”, por exemplo, apresenta uma única reação negativa, em um total de 58 reações; e ainda assim, essa reação negativa é a infericrização material que inclui ao caracterizar a personagem, projetando-a como “filha pobre”. Isto, porém, é uma circunstância externa, uma condição da vida, que não diminui em nada o caráter da “filha” como bom objeto. E se examinarmos esse pormenor não mais no nível manifesto, mas no plano latente, verificaremos que existe uma grande probabilidade — talvez quase certeza — de que essa situação de menina pobre é somente uma forma simbólica de indicar o sentimento de privação que domina a criança quando se julga rejeitada pela mãe, que projeta como mau objeto e a quem acusa, na sua fantasia, de negar-lhe alimento. E o trecho da história, que gira em torno de fantasias orais e, como diria Charles Odier (12, p. 152), “abandonistas”, confirma cabalmente essa hipótese.

Identificação é a atitude do autor para com o “filho”: três reações negativas em 36. Tal como sucede com a “filha”, as raras reações negativas constam também da atribuição de características tais como pobreza, falta de inteligência, baixo nível social da família.

Vemos assim que o autor projeta os objetos com os quais se identifica como isentos, no plano ético, dos psico-dinamismos negativos, que projetou sobre outros elementos, os quais se incumbirão de objetivar os impulsos proibidos e culposos, permitindo que o herói se apresente “sans peur et sans reproche”.

Em relação aos objetos perseguidores, assume atitude radicalmente oposta. Para com os “irmãos” maus, tem três reações positivas em 7; para com as “irmãs” más, 1 reação positiva em 6; para com a madrastra, 1 reação positiva em 16 e para com a feiticeira nenhuma reação positiva, ao lado de 8 negativas.

1. *A projeção do Dinamismo Afetivo no “Pattern” Geral de Ajustamento*

Com base nas observações feitas acima, relativamente à contextura dos tipos de ajustamento projetados nas histórias, procuramos agora tirar algumas conclusões gerais que revelem o sentido profundo das tendências identificadas no “pattern” geral de ajustamento.

O fato de serem os objetos bons e maus por excelência — a avó viuva e o velho encantado de um lado, a madrasta e a feiticeira de outro — *representantes* das séries materna e paterna, e não os próprios progenitores, vem mostrar:

a) que os progenitores não se mostraram satisfatórios como polarizadores do amor: foi necessário arranjar-lhes substitutos idealizados, como a avó viuva e o velho encantado. Note-se que a avó, único representante da série materna que alcançou alta positividade, é *viuva*;

b) que existe na *textura* do ajustamento geral uma grande resistência a descarregar os sentimentos hostis diretamente sobre os progenitores: a exteriorização desse afeto negativo só conseguiu obviar a inibição resultante da angústia deslocando-se sobre *substitutos* dos progenitores.

O pai e os representantes paternos foram projetados como possuidores de um grau de positividade relativamente mais alto que o da mãe e dos representantes maternos. As duas tabelas que se seguem tornarão clara esta relação:

N.º 6 — Tabela combinada da frequência das reações da mãe e dos representantes maternos como sujeitos e como objetos, classificada conforme à ordem decrescente da porcentagem de reações positivas.

Nº de ordem	Elementos	F r e q u ê n c i a				
		r.+	r.-	total	% +	% -
1º	Avó viuva	44	3	47	93	6
2º	Velha	34	18	52	65	34
3º	Fadas	89	51	140	63	36
4º	Irmãs	45	48	93	48	51
5º	Mãe	69	79	148	46	53
6º	Madrasta	71	147	218	30	69
7º	Feiticeira	11	59	70	15	84
	Total	363	405	768	47	52

N.º 7 — Tabela combinada da frequência das reações do pai e dos representantes paternos como sujeitos e como objetos, classificada conforme à ordem decrescente da porcentagem de reações positivas.

Nº de ordem	Elementos	F r e q u ê n c i a				
		r.+	r.-	total	% +	% -
1º	Velho encantado	174	24	198	87	12
2º	Príncipe	69	14	83	83	16
3º	Fera	103	36	139	74	25
4º	Pai	201	124	325	61	38
5º	Reis	82	66	148	55	44
6º	Irmãos	145	148	293	49	50
7º	Marido	50	69	119	42	57
	Total	824	481	1035	63	36

O exame das categorias das reações dirigidas pelo pai e pela mãe ao filho e à filha vêm corroborar estas ilações:

- a) mãe para com a filha: 43% de reações positivas
- b) mãe para com o filho: 43% de reações positivas
- c) Pai para com a filha: 43% de reações positivas.
- d) pai para com o filho: 73% de reações positivas.

Êstes dados sugerem um problema: como se coaduna êsse fato com o esquema edipeano, uma vez que os contos foram escritos, na sua maioria, por autores do sexo masculino? Qual teria sido o mecanismo psíquico que levou êstes últimos a catetizarem tão intensamente relatos populares e folclóricos em que a mãe é apresentada como tendendo a mau objeto e o pai nitidamente como bom objeto, a ponto de coligirem e publicarem êsse material sob a forma de histórias infantis?

Além d'isso, a mãe é eliminada com maior frequência que o pai: em 10 histórias, a mãe é eliminada em 4, ao passo que em outras duas não se faz absolutamente referência alguma à sua pessoa. O pai, entretanto, é eliminado somente uma vez em 10 histórias. Significará isto uma contradição com o esquema edipeano? Ou mostrará simplesmente que, para autores do sexo masculino, é mais fácil desabafar a hostilidade contra a mãe do que contra o pai? Esta última hipótese talvez contenha parte da verdade. Mas a explicação cabal do fenômeno depende, a

nosso ver, de um exame dos dinamismos projetados e será tentada mais adiante, ao discutirmos o sentido profundo da trama das histórias (pg. 58).

2. *Vicissitudes Pelas Quais Passam os Heróis*

Pela leitura das histórias observa-se que, uma vez apresentado o herói, passam os autores a indicar a sua situação na família. E verificamos que é sempre conflagradora: o infeliz é, na maior parte das vezes, órfão de mãe e, o que é pior, tem contra si algum membro da família, quando não um ser sobrenatural.

Analisemos a situação da filha:

1. A “Filha bonita princesa” (Branca de Neve) não tem mãe e é perseguida pela madrasta, sem que o pai a defenda.
2. Outra “Filha bonita” (A Gata Borralheira) não só não tem mãe, como é perseguida pela madrasta e pelas filhas desta, enquanto que o pai permanece indiferente à sua desgraça.
3. A “Filha bonita princesa” (A Bela Adormecida) é perseguida pela fada má.
4. A quarta “Filha bonita” (A Bela e a Fera), que também não tem mãe, embora seja a preferida do pai, tem contra si as irmãs mais velhas.
5. E a “Filha pobre” (João e Maria), além desta desgraça, tem como inimiga a própria mãe.
6. A única filha que não tem inimigo na própria família é a que se casa com o Barba Azul. Ainda assim, logo tem contra si o marido.

Com o filho verifica-se situação parecida:

1. O “Filho pobre” possui ambos os progenitores, mas de pouco lhe vale essa vantagem: a mãe o hostiliza e abandona, enquanto que o pai, embora a contragosto, adere aos propósitos criminosos da mãe (João e Maria).
2. O “Filho pobre caçula” (o Menino da Mata e seu Cão Piloto) aparece em cena como órfão de mãe; em breve perde o pai e vê os irmãos mais velhos transformarem-se em perseguidores.
3. O “Filho caçula” (A Baba do Passarinho), sobre cuja mãe não nos dá o autor a mais breve notícia, é perseguido pelos irmãos mais velhos que o espoliam, espancam e mutilam.
4. O “Filho caçula inferiorizado intelectualmente” (O Patetinha), de cuja mãe também nada sabemos, é inferiorizado pelos irmãos mais velhos.

5. Finalmente o filho que nasceu com dentes — “Filho pobre [dentes +] — é perseguido pelo rei mau, que procura matá-lo (Os Tres Fios de Cabelo do Diabo).

Note-se o estereótipo: o herói e a heroína são sempre hostilizados e vítimas de perseguições — *dentro da própria família*.

Entretanto, logo surge um elemento poderoso, favorável ao herói: no caso da filha, são os anões, os passarinhos, a fada boa, a fera encantada; no caso do filho, o passarinho, a avó, os animaizinhos (formigas, abelhas), a velha, o velho encantado.

E afinal, através de peripécias variadas, o herói atinge sempre uma posição de preeminência, quer social, quer financeira, e triunfa então sobre seus inimigos: torna-se invariavelmente rico e, em alguns casos, príncipe ou princesa, rei ou rainha (Cf. pg. 22).

Um fato interessante a notar aqui é a ocorrência de traços paranoides nas histórias. E este fenômeno é tanto mais significativo porquanto ocorre também nos mitos, como assinalou O. Rank (16, p. 93). De fato, conteúdos psíquicos equivalentes ao delírio persecutório se manifestam através da situação de vítima em que invariavelmente se encontra o herói no início da história, ao passo que os correspondentes dos traços megalomaniacos jamais deixam de aparecer no “happy end”, onde o delírio de grandeza encontra seu símile na elevação do herói a um alto nível de aristocracia ou riqueza.

V. O SENTIDO PROFUNDO DA TRAMA DAS HISTÓRIAS

O acervo de dados e relações, que a análise quantificada do material nos proporcionou, torna possível agora atingir os objetivos que nos propusemos no início deste trabalho (pg. 8), ou seja:

- a). esclarecer todas as características do tipo particular de projeção do conflito edipeano oferecida pelas fantasias analisadas;
- b). verificar se esse seria o conflito polarizador de toda a ação;
- c). investigar a existência e natureza das defesas e compensações acaso oferecidas pelas fantasias.

A. O conflito edipeano

O esclarecimento das características desse tema depende de uma análise individual de cada história e, dada a extensão e complexidade desse trabalho, não será ele apresentado integralmente neste estudo. Veremos apenas as linhas gerais da projeção do Édipo que identificamos na série de fantasias.

Com exceção de um caso (João e Maria), o caráter edipeano das histórias é evidente desde o primeiro exame: basta atentar para o in-

ventário dos elementos em jogo — mãe e representantes, pai e representantes, filhos e símbolos fálicos — e ver-se-á que a ação se desenrola entre os protagonistas clássicos do drama edipeano.

No caso da filha:

- a). a atuação desfavorável da madrasta, da fada má, da feiticeira e da própria mãe (em um caso);
- b). a atuação favorável do pai, da fera encantada (representante paterno) e do príncipe;
- c). as reações positivas dos símbolos fálicos (passarinhos, anões), filiam-se aos mais puros moldes do complexo clássico direto.

No caso do filho, as coisas já não são tão claras:

- a). o pai, o velho encantado, o rei bom cego são, paradoxalmente, favoráveis ao filho;
- b). dentre os símbolos fálicos, os passarinhos, as formigas e as abelhas também se comportam de maneira favorável ao filho;
- c). o cavalo, símbolo paterno, tem idêntico comportamento;
- d). hostis ao filho são: a própria mãe — o que é muito estranho; a serpente alada (símbolo fálico) e o rei mau (representante paterno);
- e). de acordo com o esquema edipeano estão a avó viuva e a velha, protetoras do filho.

Vemos assim que as relações inter-pessoais projetadas nas fantasias se desviam consideravelmente do padrão peculiar à constelação edipeana.

Por outro lado, notamos grande hostilidade contra o filho e contra a filha por parte dos irmãos e irmãs, respectivamente. Lembremo-nos de que não existe a hostilidade contrária: irmão contra irmã ou vice-versa. Isto, a princípio, afigurou-se-nos ser apenas uma intensa projeção da rivalidade fraterna — simples sub-produto do Édipo quando este se transforma em complexo familiar.

Entretanto, a direção dessa hostilidade, sempre contra irmão do mesmo sexo, começou a parecer-nos suspeita.

Além disso, verificamos que o irmão caçula, protegido e amado pelo pai, mas perseguido, hostilizado, mutilado e roubado pelos irmãos mais velhos, vai encontrar apoio e proteção no “velho encantado” — figura nitidamente paterna. Ora, se o pai não é mau objeto, por que surge um bom objeto compensador da série paterna? O aparecimento de um remendo não deixa dúvidas sobre a existência de um estrago na fazenda. Por que remendar a figura paterna se esta não tinha defeito? A conclusão se impõe: uma figura paterna só pode compensar outra figura paterna.

Com base neste raciocínio, levantamos a hipótese de que os irmãos mais velhos sejam apenas *substitutos do pai*.

Isto explicaria por que não são somente os irmãos caçulas que encontram satisfação nas histórias, identificando-se com o herói, que é, na maioria dos casos, o irmão mais moço. Os irmãos mais velhos também podem identificar-se com o herói porque as crianças interpretam acertadamente a figura dos irmãos mais velhos perseguidores como substitutivo do pai.

Dêsses fatos acreditamos ser lícito concluir que a projeção da hostilidade contra o pai é penosa aos autores do sexo masculino: desloca-se, então, para os irmãos mais velhos.

Isto não significa que o tema da rivalidade fraterna esteja ausente das histórias analisadas: apenas serve também como canalização da hostilidade contra o pai, pela linha de menor resistência.

Assim, histórias nas quais figura um pai bom objeto ao lado de irmãos mais velhos perseguidores e frustradores, histórias essas que pareciam fugir ao molde edipeano, veem filiar-se novamente a êle uma vez esclarecido o mecanismo de deslocamento que desviou a rota do afeto negativo.

B. O Tema do Abandono

O fato de vermos autores do sexo masculino projetarem a mãe como madrasta perversa e assassina, ou como bruxa canibal, levou-nos a suspeitar da existência, nas fantasias analisadas, de um conflito muito mais remoto que o Édipo na gênese da personalidade. Esse tipo especial de projeção da figura materna parecia apontar uma regressão mais profunda que a edipeana. Além disso, julgamos sintomática a frequência com que a mãe é eliminada ou deixa de ser mencionada.

De fato, a análise atenta e minuciosa a que a técnica empregada nos obrigou, veio revelar, ao lado do Édipo, um outro tipo de conflito, que se denuncia através de um tema que constantemente se repete, às vezes isolado, mas mais frequentemente à sombra do Édipo. Referimo-nos ao *tema do abandono*.

Nas dez histórias analisadas, esse tema aparece em sete. Em uma destas, constitui o tema central (João e Maria). Nas seis restantes surge ao lado do tema edipeano (Branca de Neve, Maria Borradeira, A Bela Adormecida, Os Três Fios de Cabelo do Diabo, A Baba do Passarinho e O Menino da Mata e seu Cão Piloto).

O trauma do abandono foi exaustivamente estudado por Charles Odier (12, 13). Vamos tentar resumir as conclusões desse autor.

Todos os seres humanos passam, no primeiro ano de vida, por uma fase em que a segurança e a auto valorização são de origem exclusivamente exógena: são resultado direto do amor do objeto primário, isto é, da mãe (ou de quem lhe faz as vezes junto à criança).

Essa total dependência afetiva em relação à mãe tem que resultar fatalmente em trauma, pois não é possível que esta esteja sempre presente e proporcione exclusivamente satisfações à criança: tem que ausentar-se e tem que frustrá-la de vez em quando. A magnitude da dependência e da necessidade que a criança tem da mãe, para sentir-se segura, exercem uma influência amplificadora sobre esses incidentes banais da vida quotidiana, que degeneram em verdadeiros traumas. Estes vêm resultar na transformação do bom objeto primário em mau objeto, como consequência do abandono afetivo de que a criança supõe ser vítima por parte da mãe (13).

Qual é o mecanismo da transformação da mãe em mau objeto? Segundo Odier, a criança projeta sempre a recíproca do afeto que experimenta: quando sente ódio, projeta medo. Na nossa opinião, esta é uma pseudo-explicação. E é estranho que a ela tenha recorrido Odier, quando Freud já deu uma explicação cabal da transformação de um bom objeto em mau nos casos de delírio de perseguição dos paranoicos.

Mostra Freud que esse processo de transformação segue vários passos:

- 1.º) o indivíduo sente ódio;
- 2.º) esse ódio provoca sentimentos de culpa e angústia;
- 3.º) para defender-se da angústia, o sujeito livra-se do ódio projetando-o contra o objeto que originariamente o provocara;
- 4.º) passa a sentir medo do objeto que carregou de hostilidade por meio da projeção do seu próprio ódio.

Acreditamos que esse esquema se aplique também ao caso da criança e seja suficiente para explicar por que a mãe, originalmente bom objeto, possa vir a provocar afetos hostis. É claro que no caso da criança não podemos ainda falar em ódio ou em sentimento de culpa: seria um anacronismo. Nessa fase existe somente o jogo dos mecanismos de defesa: introjeção do que é sentido como bom e projeção do que é sentido como mau, jogo esse responsável pela diferenciação de parte do id em ego e, portanto, pela incipiente estruturação da personalidade (7, 8, 17).

Voltemos, porém, às idéias de Odier. Segundo este autor, o trauma do abandono é inevitável. Em primeiro lugar por ser resultado da ausência da mãe e das frustrações que esta inflige à criança. Em segundo lugar, porque o próprio nascimento do ego é apenas um corolário do trauma do abandono.

Explica Odier que a primeira tomada de consciência, a primeira sensação da dicotomia indivíduo-mundo exterior, é resultado do primeiro sofrimento sério que o mundo impõe ao indivíduo: a frustração por

(13). — Fato, aliás, que Freud já havia indicado.

parte da mãe, através da ausência que, para a criança, é idêntica ao abandono. A isto corresponde a primeira noção do ego.

Ha assim uma correspondência entre o nascimento do ego e a transformação do bom objeto primário em mau objeto: os dois fenômenos são resultados concomitantes do abandono afetivo, real ou imaginário.

Como demonstrou Piaget nos seus estudos de psicologia genética (15), as condições de imaturidade do psiquismo infantil obrigam a criança a externalizar e reificar todos os seus afetos e sensações. Na ausência do objeto, sente um afeto disfórico, a angústia proveniente da insegurança, mas não tem sobre quem ou que projetar a angústia existencial. É obrigada então a tomar conhecimento de um afeto que não corresponde a nenhum objeto no mundo exterior e a reconhecer a existência de um afeto disfórico no seu próprio psiquismo. Este é o primeiro golpe contra o dualismo infantil, o qual, todavia, na opinião de Piaget, somente por volta dos dez anos de idade se desfaz completamente. Assim tem nascimento a noção do dualismo indivíduo-mundo exterior, e, em consequência, surge o embrião do ego, através de um sofrimento.

Esse sofrimento é que transforma o bom objeto em mau. Mas qual o processo dessa transformação? Fóra da hipótese da projeção da recíproca do afeto experimentado, Odier não fornece outra explicação. Cita, entretanto, um exemplo muito ilustrativo: Tony, um menino nervoso de 11 meses, diz: "Mamãe foi embora, mamãe má!" (13, p. 68). A escola "kleineana", todavia, esclarece cabalmente esse ponto através da atuação dos mecanismos de projeção e introjeção (7, 8 e 17).

Em resumo, o trauma do abandono fatalmente se verifica no campo subjetivo e é condição essencial do nascimento do ego.

Isso explica por que o tema do abandono e a defesa contra esse trauma sejam tão populares e apareçam com tanta frequência nas histórias e nos mitos.

A criança, no primeiro ano de vida, conhece apenas a "securização" (14) e a valorização exógenas. Ao perder o objeto, perde automaticamente a segurança e o valor, sentindo-se presa da angústia existencial. Por essa razão é que os heróis das histórias são com muita frequência órfãos de mãe — perderam-na quando a transformaram em mau objeto. Surgem então a madrasta, a feiticeira, a fada má.

O sentimento de desvalorização resultante do abandono afetivo é que se projeta na situação penosa do filho, que se apresenta pobre ou inferiorizado e da filha que embora bonita e princesa, sente-se impotente perante as agressões do mau objeto. Esses traços são projeções da

(14). — Cf. nota da pag. 11, relativa ao emprego de neologismos.

perda da única fonte de valor e segurança, isto é, o amor do objeto primário.

Como compensação a essa privação, surgem os objetos substitutos poderosos: a fada boa, o velho encantado, o passarinho encantado, os anõezinhos, etc., que se destinam a re-securizar e revalorizar o sujeito, sempre exogenamente.

Com o auxílio desses objetos poderosos substitutos, o herói readquire valor (fica rico, príncipe ou princesa) e segurança: escapa à perseguição do mau objeto, vingando-se dele em certos casos.

Uma observação interessante é a de que, em algumas histórias, o objeto substituto é um símbolo fálico:

em Branca de Neve: os anões

em João e Maria: o passarinho encantado

em A Gata Borralheira: o passarinho encantado

em A Baba do Passarinho: o passarinho.

A propósito deste fato vale lembrar uma observação de Geza Roheim no seu livro "The Eternal Ones of the Dream" (interpretação psicanalítica dos mitos e rituais australianos) (18, pp. 66 e 77-8): o ritual de iniciação representa justamente a separação entre mãe e filho; o filho púber tem que abandonar a mãe e ingressar na comunidade masculina adulta. A unidade dual tem que ser rompida. E o falo é o instrumento mágico que vem compensar a perda da mãe: o menino, depois de iniciado, passa a usar como amuletos os símbolos fálicos e tem acesso aos objetos tabús do culto, ou seja, aos símbolos fálicos mais sagrados. os "tjurungas" totêmicos (variedade de "bull-roarer").

Resumindo, podemos dizer, portanto, que o tema do abandono, tal como se apresenta na série de fantasias analisadas, consta da perda do objeto primário e conseqüente perda da segurança e da auto valorização de origem exógena. A recuperação desses dois elementos vitais se dá por meio da atuação do pensamento mágico fasto: o herói fica rico, príncipe ou rei. Essa é, portanto, uma das funções precípua das histórias: re-securizar e revalorizar exogenamente o sujeito.

O tema do abandono ocorre também comumente nos mitos. Rank, no seu livro clássico: "O Mito do Nascimento do Herói" (16) aponta como um dos incidentes que caracterizam os primórdios da vida do herói (Moisés, Édipo, Sargão, etc.). Como esse abandono se dá em geral na água, tem sido usualmente interpretado como tendo por núcleo o motivo do nascimento. Mas, diante dos modernos estudos sobre a gênese do ego, talvez seja lícito perguntar se esse pormenor não se refere antes à crise dos 6 meses, de Odier, ou, pelo menos, ao trauma

do abandono subjetivo inevitável? Talvez fosse frutífero tentar uma revisão e uma ampliação da interpretação do tema do abandono, procurando identificar nos mitos, ao lado do seu conteúdo edipeano, uma projeção desse trauma decisivo para o desenvolvimento da personalidade.

É notável o fato de que, na história em que o abandono se apresenta como núcleo exclusivo da fantasia, (João e Maria), aparecem concomitantemente traços dos conflitos orais e anais, que são exatamente os ajustamentos contemporâneos do trauma do abandono. Vemos nessa história, de um lado o tema da escassez de alimento (desmame?) compensada pela fantasia da casa feita de doces; por outro lado, a figura da bruxa canibal, projeção não só da mãe mau objeto, como também das fantasias de incorporação típicas da fase oral. O tema anal se patenteia através da idéia de pobreza e respectiva compensação por meio das riquezas proporcionadas *pelos passarinhos encantados*. Este traço parece indicar a associação clássica entre as idéias de fezes e penis, associação essa que os torna símbolos intercambiáveis (5, pg. 161).

Lamentamos não haver incluído neste estudo a história: "A Menina do Chapéuzinho Vermelho", pois esse conto fornece informes que vêm corroborar o que observamos a respeito da concomitância dos traços orais e tema do abandono. Em "A Menina do Chapéuzinho Vermelho", o tema oral é evidente: a história se desenrola em torno da oferta de alimento — que provavelmente significará, no conteúdo latente, negação do alimento. E ao seu lado aparece a substituição da avózinha doente pelo lobo que se deita na cama dela, vestindo-lhe as roupas, e que corresponde à transformação da mãe em mau objeto, consequência do trauma do abandono.

VI. AS DEFESAS E AS COMPENSAÇÕES

Para que a fantasia optativa desempenhe integralmente a sua função de instrumento re-equilibrante da economia afetiva, é preciso que, além de servir de válvula para os afetos e tensões ligados aos conflitos, ofereça também defesas ou compensações adequadas.

Essa função de defesa é desempenhada, nos contos analisados aqui, pelos representantes bons objetos das séries materna e paterna, que surgem como agentes favoráveis ao herói. Através do amor que dedicam a este e do poder e prestígio de que dispõem, trazem uma compensação à situação de privação em que se sente o sujeito por causa da suposta perda do amor e da proteção do objeto primário poderoso, que a projeção da sua própria hostilidade transformou em mau objeto.

Como observamos acima, para a criança só existem securização e auto-valorização de origem exógena. Somente o desenvolvimento e o

concomitante fortalecimento do ego podem outorgar ao indivíduo uma fonte endógena de segurança. E esta capacidade de encontrar segurança e valor de base endógena é um dos traços que distinguem o adulto da criança, embora nem todos os adultos consigam atingir esse estágio de desenvolvimento da personalidade.

Os contos oferecem um instrumento de securização justamente de tipo infantil: o herói se torna poderoso e sente-se seguro graças à intervenção de um ser benfazejo. Nenhum, ou quase nenhum esforço é exigido dele: o pensamento mágico fasto se encarrega de fornecer-lhe recursos igualmente mágicos, que o levam à vitória contra seus perseguidores. E isto é muito compreensível, pois as histórias se destinam a crianças. Embora a origem folclórica as aponte como produto do psiquismo do adulto, destinam-se a satisfazer as necessidades peculiares às camadas mais primitivas da personalidade, que continuam a existir, com seu tipo rudimentar de pensamento, em todos os adultos.

Se estabelecermos uma comparação, dêste ponto de vista, entre as histórias e os mitos, veremos que nestes o instrumento de valorização e re-securização é de tipo adulto, isto é, de fonte endógena: o herói se sente forte e valorizado em resultado das próprias façanhas. É por meio destas que escapa à perseguição e vence seus adversários.

VII. CONCLUSÃO

Concluindo, podemos dizer que as histórias infantis analisadas neste trabalho constituem um instrumento de defesa e compensação para dois tipos de conflito: o conflito edipeano e o trauma do abandono. Em relação ao primeiro, proporcionam ao sujeito uma satisfação simbólica do desejo que constitui o núcleo central do complexo: ocupar o lugar do progenitor do mesmo sexo. De fato, regra geral o menino se torna rei e a menina rainha. Fazem exceção a esta regra tres histórias: João e Maria, O Barba Azul e O Menino da Mata e seu Cão Piloto. A primeira, como já dissemos, não inclui elementos do tema edipeano: é uma fantasia dedicada exclusivamente à elaboração do tema do abandono. A segunda já mostra a heroína casada com o representante paterno. E na terceira, o menino abandonado vai morar com a avó viúva, depois de perseguido e abandonado pelos irmãos mais velhos. A usurpação do lugar paterno, nesta última história, é transparente.

Quanto ao trauma do abandono, os contos analisados constituem uma tentativa do pensamento mágico fasto no sentido de re-securizar e revalorizar a personalidade por meio de processos exógenos, através da aquisição mágica do objeto poderoso que virá substituir o bom objeto primário perdido, devolvendo ao sujeito a sensação de segurança e valor que o livrará da angústia existencial.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANASTASI, A., *Differential Psychology*. New York, Macmillan, 1937.
2. BENEDICT, R., *Patterns of Culture*. New York, Penguin Books, 1934.
3. FORTUNE, R. R., *The Sorcerers of Dobu*. New York, 1932.
4. FREUD, A., *The Ego and the Mechanisms of Defence*. New York, International Univ. Press, 1946.
5. FREUD, S., *Sobre las Trasmutaciones de los Instintos y Especialmente del Erotismo Anal*, in *Psicología de la Vida Erótica*. Buenos Aires, Editorial Americana, 1943.
6. HORNEY, K., *The Neurotic Personality of our Time*. New York, W. W. Norton & Co., 1937.
7. HEIMANN, P., *Certain Functions of Introjection and Projection in Early Infancy*, in KLEIN, M. e otras, *Developments in Psychoanalysis*. London, The Hogarth Press, 1952.
8. KLEIN, M., *Psicoanálisis de Niños*. Buenos Aires, Asociación Psicoanalítica Argentina, 1948.
9. LANGER, S. K., *Philosophy in a New Key*. New York. The New American Library, 1942.
10. MASLOW, A. H. & MITTELMANN, B., *Principles of Abnormal Psychology*. New York, Harper & Brothers, 1941.
11. MURRAY, H. A., *Explorations in Personality*. New York, Oxford Univ. Press, 1938.
12. ODIER, C., *L'Angoisse et la Pensée Magique*. Neuchatel Delachaux & Niestlé, 1947.
13. ODIER, C., *L'Homme Esclave de Son Infériorité*. Neuchatel, Delachaux & Niestlé, 1950.
14. OPLER, M. E., *An Interpretation of Ambivalence of Two American Indian Tribes*. *Jr. of Social Psychology*, vol. 7, 1936.
15. PIAGET, J., *La Représentation du Monde Chez l'Enfant*. Paris, Alcan, 1932.
16. RANK, O., *Il Mito della Nascita degli Eroi*. Zurigo, Libreria Psicoanalitica Internazionale, 1921.
17. RIVIÈRE, J., *On the Genesis of Psychological Conflict in Earliest Infancy*, in KLEIN, M. e otras, *Developments in Psychoanalysis*. London, The Hogarth Press, 1952.
18. ROHEIM, G., *The Eternal Ones of the Dream: A Psychoanalytic Interpretation of Australian Myth and Ritual*. New York, International Universities Press, 1945.
19. SCUDDER, M., *Clinic and Culture*, in *Jr. of Abnormal & Social Psychology*, vol. 30, 1935.
20. WERTHEIMER, M., *On Truth*. *Social research*, vol. I, n.º 2, 1934.

21. WERTHEIMER, M., Some Problems in the Theory of Ethics. Social Research, vol. II, n.º 3, 1935.
22. WHITE, R.K., Black Boy: A value-analysis, in Jr. of Abnormal and Social Psychology, vol. 42, 1947, n.º 4.

ABREVIACÕES		Faculdade de Filosofia	
1. Agr.	=	Agressão	Ciências e Letras
2. Bnt.	=	Boni.o (a)	Biblioteca Central
3. Cat.	=	Catexis	
4. Cg.	=	A contra gosto	
5. Cl.	=	Caçula	
6. Des.	=	De:ejo	
7. Desc.	=	Descontrole	
8. Dom.	=	Domínio	
9. Ex.	=	Exaltação	
10. Inf.	=	Inferiorização	
11. Mag.	=	Mágico (a)	
12. Mat.	=	Material	
13. Mv.	=	Mais velho (a)	
14. N.E.	=	Não especificado	
15. Pb.	=	Pcbre	
16. Prom.	=	Promessa	
17. Qpa.	=	Que passou a —	
18. Qva.	=	Que voltou a —	
19. Sm.	=	Simulado (a)	
20. T.	=	Tentativa de —	
21. Vol.	=	Voluntário (a)	

S I N A I S (*)

- = Ausente ou não existente
X = Contra; hostil a — ; desfavorável a —
- = Negativo
+ = Positivo

(*) . — Na convenção aqui adotada, os sinais + ou - com o sentido de "positivo" ou "negativo" referem-se apenas às reações. Quando significam respectivamente "presente" ou "existente", ou "ausente" ou "inexistente", referem-se aos "elementos".

- + = Presente ou existente
← = Pró; favorável a —
‡ = Por influência de —; devido a —

APÊNDICE

Reproduzimos aqui o texto integral de uma das histórias analisadas: “A Gata Borralheira” (FIGUEIREDO PIMENTEL, *Contos da Carochinha*, Rio de Janeiro, Livraria Quaresma Editora, 1945. 18a. ed. Pp. 157-162), seguido da respectiva folha de registro, onde foram anotadas as reações constantes dessa fantasia. Cada um dos números que precedem, entre parênteses, as frases do texto, indica uma reação; essa reação foi anotada sob idêntico número na folha de registro.

“A GATA BORRALHEIRA”

(1) Um homem, chamado Lucas, (2) tendo enviuvado, (3) julgou que devia casar-se outra vez.

(4) Do seu segundo casamento tivera duas filhas, (5) que não eram nem bonitas, (6) nem espirituosas, mas (7) cheias de orgulho e inveja.

(8) Do primeiro possuía uma, (9) que era a mais graciosa, a mais encantadora criatura deste mundo. (10) As irmãs, invejosas dela, (11) tratavam-na cruelmente, (12) do mesmo modo que a madrasta, (13, 14) não ousando seu pai defendê-la.

(15) Ela fazia em casa os serviços de criada, (16) levantando-se cedo, (17) deitando-se tarde, e (18) durante todo o dia continuando nas mais rudes obrigações, (19, 20) enquanto as outras se enfeitavam (21, 22) e iam passear.

(23) Quando acabava o serviço, (24, 25) sentava-se em silêncio (26) sobre as cinzas do fogão. (27) As irmãs, por zombaria, (28) chamavam-na Gata Borralheira.

(29) Um dia, o pai indo à cidade, (30, 31, 32) perguntou às filhas o que queriam que lhes trouxesse. (33) Uma pediu ricos vestidos, (34, 35) outra pérolas e diamantes. (36) Quando chegou a sua vez, Gata Borralheira pediu uma roseira.

(37) À volta do pai, (38, 39, 40) foi plantar a roseira no túmulo de sua mãe. (41) Todos os dias regava-a (42) com lágrimas.

(43) A roseira cresceu rapidamente e tornou-se um arbusto frondoso. (44) Um passarinho branco vinha pousar em um dos galhos, (45) e contemplava-a com piedade.

(46) Sucedeu que o rei deu uma grande festa (47) para a qual fez convidar as moças do país, (48) a fim de que seu filho escolhesse uma noiva.

(49) Desde que tiveram notícia da festa, (50) as irmãs da Gata Borralheira começaram a se preparar e a cuidar dos vestidos.

(51) A pobre menina (52) foi quem as auxiliou nos preparativos; (53) e com as suas mãos delicadas (54) lhes penteou os cabelos.

(55) Tinha também grande vontade de ir ao baile (56, 57) mas ninguém se lembrou de levá-la. (58, 59) Quando se aventurou a falar nisso, (60, 61) maltrataram-na impiedosamente, (62, 63) perguntando-lhe como se apresentaria no palácio real, só possuindo um vestido velho e não tendo sapatos.

(64) A madrasta, então apanhou uma terrina cheia de lentilhas, e atirando-as nas cinzas, disse-lhe:

(65) — “Se conseguires (66) catar todas essas lentilhas dentro de duas horas, (67) levar-te-emos ao baile”.

(68) Gata Borralheira, dirigiu-se ao jardim, pediu o auxílio (69) do seu amigo — o passarinho branco da roseira, (70) que, reunindo-se a todos os outros pássaros da vizinhança, (71) se pôs imediatamente à obra, (72) conseguindo reuni-las em curto espaço de tempo.

(73) Mas a malvada madrasta (74) não quis cumprir a promessa, (75) ficando furiosa por ver que ela as colhera.

(76) Novamente lançou duas terrinas de milho e (77) ordenou-lhe que (78) o apanhasse dentro de duas horas.

(79) Outra vez vieram os passarinhos, (80) e antes daquele tempo, o serviço estava feito.

(81) Ainda a megera (82) não quis ceder:

(83) — “Como queres que te leve à festa, se não tens roupa (84) e possuis uma aparência tão desgraciosa?”

(85) Em seguida tomou o carro (86, 86a, 87) e partiu com as filhas, (88, 89) que iam cobertas de sêda, rendas e joias.

(90) Gata Borralheira foi sentar-se no seu lugar predileto (91) muito triste, (92) quando ouviu o seu (93) fiel passarinho cantar:

(94) *“Ai minha menina, dize
Que desejas para teu bem?”*

(95, 96) A mocinha respondeu:

*“Si não fosse querer muito
Queria ir ao baile também”.*

(97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105) Dos galhos da roseira viu cair um rico vestido meias finas e sapatinhos de ouro.

(106, 107, 108) Vestiu-se (109) alegremente (110) e foi para a festa em (111) uma esplêndida (112, 113) carruagem que a esperava à porta.

(114) Estava tão linda, (115) que maravilhou todo o mundo. (116) A madrasta (117) e as irmãs não a reconheceram. (118) O príncipe só dançou com ela; (119) e, quando ela se retirou, (120) quis segui-la. (121) A menina, porém, fugiu rapidamente, (122) e chegando à casa (123, 124, 125, 126) foi depor nos galhos da roseira as roupas, (127, 128, 129) que desapareceram. (130) Depois reocupou o seu lugar do costume nas cinzas do fogão.

(131) Alguns dias depois houve novo baile no régio paço.

(132) Compareceu, (133) cada vez mais formosa, (134) a pobre Gata Borrallheira, (135) e o príncipe só dela se ocupou.

(136) Realizou-se terceiro baile. (137) Mas, dessa vez, quando ela se despediu, (138) perdeu um dos sapatinhos. (139) O príncipe apanhou-o; (140) fez anunciar por toda a cidade (141, 142) que se casaria com a moça que pudesse calçar (143) aquele sapatinho; (144) e mandou um mensageiro, de casa em casa, (145) experimentá-lo nos pés das moças.

(146) Sua Alteza, em pessoa, procurou durante muito tempo, (147) sem poder encontrar o que desejava. (148) Todas as moças às quais se apresentava, (149) inútilmente (150) se esforçavam para calçar o sapatinho de ouro.

(151) As duas irmãs da Gata Borrallheira fizeram também os mesmos esforços.

(152) O príncipe disse-lhes:

— “As senhoras não têm uma irmã?”

(153) — “Sim”, respondeu a mais velha, (154) “ela porém está tão mal vestida, que não ousamos apresentá-la”.

(155) — “Não faz mal, (156) chamem-na assim mesmo”.

(157) Era preciso obedecer. (158) Chamaram Gata Borrallheira, (159) que apareceu, (160, 161, 162) vestida como tinha ido ao baile, (163) mas com um pé descalço.

(164) O príncipe reconheceu-a, (165) e levou-a para o palácio, (166, 167) onde se casaram.

(168) As festas foram celebradas com toda a pompa, (169) e Gata Borrallheira foi para a igreja com (170) uma coroa de ouro na cabeça.

(171) As irmãs acompanharam-na, (172) com pensamentos monstruosos de inveja (173) e ódio.

(174) Mas, quando saltaram da carruagem, (175) o passarinho branco apareceu, e com o bico (176) furou-lhes os olhos, (177) castigando-as, assim, pela sua maldade”.

FOLHA DE REGISTRO

das reações constantes da história supra. (1)

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
1.	autor	pai viuvo: existência do —	comunicação
2.	autor	mãe	eliminação
3.	pai viuvo	casamento	desejo
4.	autor	irmãs: existência das —	comunicação
5.	autor	irmãs	inf. estética
6.	autor	irmãs	inf. intelectual
7.	autor	irmãs	inf. moral
8.	autor	filha 1: existência da —	comunicação
9.	autor	filha 1	ex. estética
10.	irmãs feias más	filha 1	malevolência
11.	irmãs feias más	filha 1	sadismo
12.	madrasta má	filha 1	sadismo
13.	pai viuvo qva casar-se	filha 2	desamor
14.	pai viuvo qva casar-se	madrasta má	submissão
15.	madrasta má	filha 2	inferiorização
16.	madrasta má	filha 2	dom. coercitivo

(1). — Afim de poupar espaço, ao nomear a heroína substituímos por um número as locuções que se sucedem. Encontram-se na folha de registro, portanto, as designações: filha 1, filha 2, filha 3 e filha 4, números esses que correspondem à lista abaixo:

1. Filha bonita (mãe -)
2. Filha bonita (mãe -) (madrasta má X) (irmãs feias más X)
3. Filha bonita (mãe -) (madrasta má X) (irmãs feias más X) (passarinho encantado ↔)
4. Filha bonita (mãe -) (madrasta má X) (irmãs feias más X) (passarinho encantado ↔) qva princesa

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
17.	madrasta má	filha 2	dom. coercitivo
18.	madrasta má	filha 2	dom. coercitivo
19.	madrasta má	vaidade	fruição
20.	irmãs feias más	vaidade	fruição
21.	madrasta má	passeios	fruição
22.	irmãs feias más	passeios	fruição
23.	filha 2	serviço da casa	domínio
24.	filha 2	madrasta má: sadismo da —	inibição
25.	filha 2	sadismo da madrasta má	inibição
26.	filha 2	cinzas do fogão	busca
27.	irmãs feias más	filha 2	agr. verbal
28.	autor	filha 2: apelido da —	comunicação
29.	pai viuvo qva casar-se	cidade	busca
30.	pai viuvo qva casar-se	filha 2	oblação
31.	pai viuvo qva casar-se	irmã feia má	oblação
32.	pai viuvo qva casar-se	irmã feia má	oblação
33.	irmã feia má	vestidos ricos	captação
34.	irmã feia má	pérolas	captação
35.	irmã feia má	diamantes	captação
36.	filha 2	roseira	captação
37.	pai viuvo qva casar-se	filha 2	gratificação
38.	filha 2	mãe morta: túmulo da —	solicitude
39.	filha 2	roseira	utilização
40.	filha 2	túmulo da mãe morta	assistência
41.	filha 2	roseira	solicitude
42.	filha 2	mãe morta	desc. emocional
43.	roseira	filha 2: solicitude da —	utilização

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
44.	passarinho encantado	roseira	busca
45.	passarinho encantado	filha 2	comiseração
46.	rei	balle	efetuação
47.	rei	moças do pais	companheirismo
48.	rei	príncipe: casamento do —	desejo
49.	irmãs feias más	balle	conhecimento
50.	irmãs feias más	vestidos próprios	efetuação
51.	autor	filha 3	comiseração
52.	filha 3	irmãs feias más	assistência
53.	autor	filha 3: mãos da —	ex. estética
54.	filha 3	irmãs feias más	assistência
55.	filha 3	balle: fruição do —	desejo
56.	madrasta	filha 3	frustração
57.	irmãs feias más	filha 3	frustração
58.	filha 3	balle: fruição do —; desejo de —	comunicação
59.	filha 3	madrasta má	comunicação
60.	madrasta	filha 3	punição
61.	irmãs feias más	filha 3	punição
62.	madrasta má	filha 3: roupas velhas da —	menosprezo
63.	irmãs feias más	filha 3: roupas velhas da —	menosprezo
64.	madrasta má	lentilhas	extravio vol.
65.	madrasta má	filha 3	provação
66.	madrasta má	lentilhas	captação
67.	madrasta má	filha 3	gratificação: prom. de — sm.
68.	filha 3	passarinho encantado	apelo
69.	filha 3	passarinho encantado	amor
70.	passarinho encantado	passarinhos	apelo

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO	
71.	passarinho encantado	filha 3	assistência	+
72.	passarinhos	lentilhas: captação das —	domínio	+
73.	autor	madrasta	inf. moral	-
74.	madrasta má	filha 3	traição	-
75.	madrasta má	filha 3; provação: efetuação	côlera	-
76.	madrasta má	milho	extravio vol.	-
77.	madrasta má	filha 3	provação	-
78.	madrasta má	milho	captação	+
79.	passarinhos	filha 3	assistência	+
80.	passarinhos	milho; captação do —	domínio	+
81.	autor	madrasta má	inf. moral	-
82.	madrasta má	filha 3	traição	-
83.	madrasta má	filha 3; roupas da —	inf. material	-
84.	madrasta má	filha 3	inf. estética	-
85.	madrasta má	carro	utilização	+
86.	irmãs feias más	carro	utilização	+
86a.	madrasta má	baile	busca	+
87.	irmãs feias más	baile	Lusca	+
88.	irmãs feias más	vestidos ricos	fruição	+
89.	irmãs feias más	joias	fruição	+
90.	filha 3	cinzas	Lusca	+
91.	filha 3	frustração	tristeza	+
92.	filha 3	passarinho encantado	percepção	+
93.	autor	passarinho encantado	ex. moral	+
94.	passarinho encantado	filha 3	gratificação: intenção de —	+
95.	filha 3	baile; fruição do —	desejo	+
96.	filha 3	passarinho encantado	comunicação	+
97.	passarinho encantado	filha 3	oblação	+

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
98.	passarinho encantado	filha 3	gratificação
99.	passarinho encantado	vestido rico	oblação
100.	passarinho encantado	meias finas	oblação
101.	passarinho encantado	sapatos de ouro	oblação
102.	filha 3	vestido rico	percepção
103.	filha 3	meias finas	percepção
104.	filha 3	sapatos de ouro	percepção
105.	autor	ouro: sapatos de —	percepção
106.	filha 3	vestido rico	utilização
107.	filha 3	meias finas	utilização
108.	filha 3	sapatos de ouro	utilização
109.	filha 3	baile: fruição do —	alegria
110.	filha 3	baile	busca
111.	passarinho encantado	filha 3	oblação
112.	filha 3	carruagem	utilização
113.	passarinho encantado	carruagem	oblação
114.	autor	filha 3	ex. estética
115.	grupo social	filha 3	ex. estética
116.	madrastra má	filha 3	inibição
117.	irmãs feias más	filha 3	inibição
118.	príncipe	filha 3	preferência
119.	filha 3	baile	afastamento
120.	príncipe	filha 3	busca
121.	filha 3	príncipe	fuga
122.	filha 3	casa	busca
123.	filha 3	passarinho encantado	restituição
124.	filha 3	vestido rico	restituição

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
125.	filha 3	meias finas	restituição
126.	filha 3	sapatos de ouro	restituição
127.	agente n. e.	vestido rico	captação mag.
128.	agente n. e.	meias finas	captação mag.
129.	agente n. e.	sapatos de ouro	captação mag.
130.	filha 3	cinzas	busca
131.	rei	baile	efetuação
132.	filha 3	baile	busca
133.	autor	filha 3	ex. estética
134.	autor	filha 3	comiseração
135.	príncipe	filha 3	preferência
136.	rei	baile	efetuação
137.	filha 3	príncipe	afastamento
138.	filha 3	sapato de ouro	extravio
139.	príncipe	sapato de ouro	captação
140.	príncipe	casamento: des. de	comunicação
141.	príncipe	filha 3	casamento: des. de
142.	príncipe	casamento	desejo
143.	príncipe	sapato de ouro	valorização
144.	príncipe	mensageiro	controle
145.	príncipe	filha 3	busca
146.	príncipe	filha 3	busca
147.	agente n. e.	príncipe	frustração
148.	príncipe	moças	busca
149.	agente n. e.	moças	frustração
150.	moças	sapato de ouro	utilização: t. de
151.	irmãs feias más	sapato de ouro	utilização: t. de

N.º	SUJEITO	OBJETO	REAÇÃO
152.	príncipe	filha 3	investigação
153.	irmã feia má	príncipe; investigação do —	gratificação cg.
154.	irmã feia má	filha 3	inf. material
155.	príncipe	filha 3; inf. mat. da —	conformidade
156.	príncipe	filha 3	busca
157.	irmãs feias más	príncipe; ordem do —	submissão cg.
158.	irmãs feias más	filha 3	busca cg.
159.	filha 3	príncipe; chamado do —	gratificação
160.	filha 3	vestido rico	utilização
161.	filha 3	meias finas	utilização
162.	filha 3	sapatos de ouro	utilização
163.	filha 3	sapato de ouro	carência
164.	príncipe	filha 3	identificação
165.	príncipe	filha 3	busca
166.	filha 3	príncipe	casamento
167.	príncipe	filha 3	casamento
168.	autor	filha 4; casamento da —	ex. material
169.	filha 4	coroa de ouro	utilização
170.	autor	ouro; coroa de —	referência
171.	irmãs feias más	filha 4	companheirismo cg.
172.	irmãs feias más	filha 4	malevolência
173.	irmãs feias más	filha 4	ódio
174.	irmãs feias más	carruagem	afastamento
175.	passarinho encantado	irmãs feias más	mutilação
176.	autor	olhos; vazamento dos —	repulsa
177.	passarinho encantado	irmãs feias más	punição

SUMMARY AND CONCLUSIONS

This research is an attempt to analyse, from a psychoanalytic standpoint, ten traditional fairy tales, with a view to exploring, dynamically and quantitatively, the inter-personal relations exhibited not only by the characters among themselves, but also in respect to fictitious beings (like fairies, dwarfs, enchanted birds and so on) and inanimate objects.

The stories were held as projections of infantile conflicts, defenses and compensations in so far as they represent an elaboration of folklore material that has, for more than two centuries, interested and charmed the children all over the Western world. In selecting the ten stories, our choice fell on those that have been more often published and more frequently employed as motives in motion-pictures, children's plays, children's toys, rooms and clothes decoration, etc.

The analysis purported to clarify the following questions:

1) to ascertain which conflicts were projected on the fantasies: whether they were exclusively of the Oedipus type, or whether the stories included also other conflicts related to pre-genital phases of development;

2) to investigate the existence and nature of the defenses and compensations offered by the fantasies.

The procedure was the following: the stories were broken into "units of behavior", which we called "reactions". We considered a reaction any segment of behavior in which it was possible to discern a subject, an object and an action of the first upon, or related to, the second. The text was examined sentence by sentence, word by word, so that every unit of behavior was recorded in its entirety (subject, object and action). The reactions were labelled as positive, negative or neutral, according to the following criterium:

a) positive reactions: reactions that brought about harmonious adjustment (including submission and constructive dominance);

b) negative reactions: actions that resulted in conflict (including coercitive dominance and escape);

c) neutral reactions: actions that did not practically exhibit any affective tone (only practically, because theoretically there are no actions deprived of affect).

The computation and comparison of the positive and negative reactions of each character (the neutral ones were so rare as to be negligible) made it possible to characterize it as a good or a bad object, allowing, at the same time, a thorough insight into its personal relations to the other characters, real or fictitious and to inanimate objects.

This thorough analysis allowed us to draw the following conclusions:

a) the fantasies studied here are instrumental to the functioning of defense and compensation mechanisms in so far as they furnish the children with means to master disagreeable situations, allowing, at the same time, an outlet for pent-up affects;

b) the fantasies, besides, give vicarious satisfaction to several libidinal and aggressive impulses;

c) they are also useful in helping children to cope with two kinds of conflicts: oedipean as well as pre-genital ones.

As to the first, the fantasies offer symbolic satisfaction to the desire which constitutes the core of the complex, namely, to replace the parent of the same sex.

The pre-genital conflicts seem to crystalize around the complex called by Charles Odier "névrose d'abandon" (12). The ten fairy tales explored here are an attempt on the part of the magic thought at a re-securization and a re-valorization of the personality, by means of exogenous processes, that here take the form of a magic acquisition of the powerful good-object. This object is substituted for the lost primary object and gives back to the personality the feeling of security and self-esteem that will save it from the primary anxiety.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

I N D I C E

	Pg.
PREFÁCIO	5
I. INTRODUÇÃO	7
II. O MATERIAL	8
III. A TÉCNICA DE ANÁLISE	12
A. Registro das reações	12
B. Caracterização das reações	15
C. Nomenclatura dos sujeitos e objetos	19
D. Os processos mecânicos de registro das reações	22
IV. EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	36
A. Os elementos	36
B. Tipos de elementos significantes	38
C. "Pattern" geral de ajustamento	46
1. A projeção do dinamismo afetivo no "pattern" geral de ajustamento	54
2. Vicissitudes pelas quais passam os heróis	57
V. O SENTIDO PROFUNDO DA TRAMA DAS HISTÓRIAS.....	58
A. O conflito edipeano	58
B. O tema do abandono	60
VI. AS DEFESAS E COMPENSAÇÕES	64
VII. CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ABREVIACÕES	67
SINAIS CONVENCIONAIS	67
APÊNDICE	68
SUMMARY AND CONCLUSIONS	78

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA
DE PSICOLOGIA

- N.º 1 — Otto Klineberg, **Introdução a Psicologia Social**, 1946 (esgotado).
- N.º 2 — Annita de Castilho e Marcondes Cabral, **O Conflito dos Resultados dos Experimentos sôbre a Memória de Formas**, 1946.
- N.º 3 — 1) Annita de Castilho e Marcondes Cabral. **A Psicologia no Brasil**;
- 2) Carolina Martuscelli, **Uma pesquisa sôbre aceitação de grupos nacionais, "raciais" e regionais, em São Paulo**;
- 3) Maria da Penha Pompeu de Toledo, **Ensaio de elaboração de uma técnica para o estudo psicanalítico quantificado de documentos pessoais e protocolos de testes projetivos**;
- 4) Dante Moreira Leite, **Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros**;
- 5) Dante Moreira Leite, **Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros**; 1950.
- N.º 4 — F. J. Urban, **Métodos Estatísticos em Psicologia**, 1952.
- N.º 5 — Carolina Martuscelli, **Os Experimentos de Interrupção de Tarefas e a teoria de Motivação de Kurt Lewin**, 1958.

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1958

